



Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

LUCÉLIA DESTEFANI

O FOLGUEDO BOI DE MAMÃO: EXPRESSÃO DA CULTURA CATARINENSE A SER SALVAGUARDADA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CIDADE DE SÃO FRANCISCO DO SUL

LA FIESTA DE BOI DE MAMÃO: EXPRESIÓN DE LA CULTURA CATARINENSE A SALVAGUARDAR COMO PATRIMONIO INMATERIAL DE LA CIUDAD DE SÃO FRANCISCO DO SUL

FOLGUEDO BOI DE MAMÃO: EXPRESSION OF CULTURE OF CATARINENSE TO BE SAFEGUARDED AS AN INTANGIBLE HERITAGE OF THE CITY OF SÃO FRANCISCO DO SUL

JOINVILLE
2023

LUCÉLIA DESTEFANI

**O FOLGUEDO BOI DE MAMÃO: EXPRESSÃO DA CULTURA CATARINENSE A
SER SALVAGUARDADA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CIDADE DE
SÃO FRANCISCO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens, da **Universidade da Região de Joinville (Univille)**, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas.

JOINVILLE - SC

2023

Folha de Aprovação

A aluna Lucélia Destefani, regularmente matriculada no Curso de Pós-graduação *Stricto sensu* em Patrimônio, Cultura e Sociedade, apresentou e defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso e obteve do(a) Avaliador(a) o conceito final _____, tendo sido considerada aprovada

Joinville, _____ de dezembro de 2023

Orientadora: Profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas

Avaliador: Prof. Dr. Ícaro Bittencourt

Avaliadora: Profa. Dra. Roberta Barros Meira

Avaliadora: Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes

Dedico este trabalho àquele que, em vida e por muitos anos de companheirismo, me ensinou tanto. Serginho (*in memoriam*), você se foi, mas o seu amor pela cultura ficará sempre com a gente. Descanse em paz.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, me dando a oportunidade de recomeçar com infinitas possibilidades de sempre me reconstruir e crescer.

À Nadja de Carvalho Lamas, minha orientadora, pela paciência e carinho com que durante estes 24 meses não desistiu de mim.

A todos os professores e professoras com quem tive a oportunidade de conviver e que também não desistiram de mim.

A minha Família, símbolo de união, força coragem e amor. Gratidão por nunca me deixar cair e pelo apoio que depositaram em mim. Foi e sempre será lembrada e respeitada, levando comigo todos os seus ensinamentos. Não foi fácil, sabemos das barreiras que encontramos nestes últimos anos.

A meus filhos, que são meu apoio de vida e minha vontade de vencer. Gratidão por me entenderem durante todo esse processo de produção, cura e luto.

A quem há tão pouco tempo nos deixou. Aquele que semeou em nossas vidas o amor pela cultura, especialmente pelo Folgado do Boi de Mamão: Serginho (*in memoriam*). Descanse em paz meu amor.

A todas as outras pessoas que, nesse percorrer de estudos e pesquisas, direta ou indiretamente, estiveram presentes.

RESUMO

Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, na linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens, este estudo tem como objetivo principal discutir o Folgado do Boi de Mamão na cidade de São Francisco do Sul como Patrimônio Imaterial. Esse folgado é uma manifestação de rua e funciona como forma de partilhar a memória coletiva do grupo, processo necessário para que haja a preservação de seus valores. Para se manter viva, essa manifestação cultural necessita do envolvimento da comunidade que, nas festas populares, encontra um pequeno espaço para se mostrar, se pronunciar, contando com as mídias eletrônicas para ser divulgada. Pequenos grupos folclóricos permeiam as trilhas das manifestações populares, ocupando espaços nas festas, evidenciando a identidade local e compartilhando saberes e tradições de entretenimento popular ao encantar a todos, principalmente as crianças. As leis, por meio de decretos e documentos oficiais, são necessárias para que haja reconhecimento e registro do Folgado do Boi de Mamão. Porém, para que isso ocorra, é necessário que os órgãos governamentais participem no processo de patrimonialização, socializando e discutindo o aparato legal, seu histórico e características que o constituem como grupo, minimizando possíveis resistências, muitas vezes apresentadas pelos próprios órgãos ligados ao governo. Esta investigação, desenvolvida por meio de análise bibliográfica e documental, também busca identificar os grupos de folgado e contribuir para o seu reavivamento, visto que já existem há décadas em São Francisco do Sul, mas ainda são pouco conhecidos pelos munícipes. Por fim, com este estudo, buscaremos colaborar para a patrimonialização do Folgado do Boi de Mamão da cidade. Com esses objetivos em mente, apresentamos um relato de projeto de extensão, seguido de nossa experiência como docente utilizando o objeto Boi de Mamão de forma motivacional e educativa nas aulas de Artes. É importante divulgar os resultados desta pesquisa com a intenção de orientar os grupos de Folgado a encontrarem informações que os auxiliem a agilizar seu processo de documentação para a patrimonialização. Dessa forma, mantêm-se vivas a identidade e a história de uma comunidade, promovendo a diversidade cultural e a transmissão de conhecimentos ao longo do tempo.

Palavras-chave: Patrimônio imaterial. Identidade social. Boi de Mamão. São Francisco do Sul.

RESUMEN

Desarrollada en el Programa de Pos Graduación en Patrimonio Cultural y Sociedad de la Univille, en la línea de pesquisa Patrimonio, Recuerdo y Linguajes, este estudio tiene como objetivo principal discutir la Fiesta de Boi en la ciudad de São Francisco do Sul como Patrimonio Inmaterial. Esa fiesta es una manifestación de calle y funciona como forma de compartir el recuerdo colectivo del grupo, proceso necesario para que haya la preservación de sus valores. Para mantenerse viva, esa manifestación cultural necesita del desarrollo de la comunidad que, en las fiestas populares, encuentra un pequeño espacio para mostrarla, pronunciarla, su divulgación es a través de las redes sociales. Pequeños grupos folclóricos permean las vías de las manifestaciones populares, ocupan espacios en las fiestas, evidencian la identidad local y comparten conocimientos y tradiciones de entretenimiento popular al encantar las personas, principalmente los niños. Las leyes, por medio de los decretos y documentos oficiales, son necesarios para que haya reconocimiento y registro de la Fiesta del Boi de Mamão. Sin embargo, para que eso ocurra, es necesario que los órganos ligados al gobierno participen en el proceso de patrimonialización, socializando y discutiendo el aparato legal, su histórico y característica que lo constituyen como grupo, minimizando posibles resistencias, muchas veces presentadas por los propios órganos ligados al gobierno. Esta investigación, desarrollada por medio de la analice bibliografía y documental, también busca identificar los grupos de la fiesta y contribuir al su reavivamiento, puesto que ya existen décadas atrás en São Francisco do Sul, pero son pocos conocidos por los municipios. Por fin, con este estudio, buscaremos colaborar para la patrimonialización de la Fiesta del Boi de Mamão de la ciudad. Con esos objetivos en mente, presentamos un relato del proyecto de extensión. Además, seguido de nuestra experiencia como docente, al utilizar el objeto Boi de Mamão de forma motivacional y educativa en las clases de Artes. Es importante divulgar los resultados de esta pesquisa con la intención de orientar los grupos de la fiesta a encontraren informaciones que auxilienlos en la agilidad de su proceso de documentación a la patrimonialización. De esa manera, se mantiene vivas la identidad y el recuerdo de una comunidad, promoviendo la diversidad cultural y la transmisión de conocimiento al longo del tiempo.

Palabras-llave: Patrimonio inmaterial. Identidad social. Boi de Mamão. São Francisco do Sul.

ABSTRACT

Developed in the *Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade* at *Univille*, in the research line “Heritage, Memory and Languages”, this study's main objective is to debate the *Folgado do Boi de Mamão* in the city of *São Francisco do Sul* as Intangible Heritage. This celebration is a kind of street demonstration and works as a way of sharing the collective memory of a group, a necessary process for the preservation of its values. To stay alive, this cultural manifestation needs the involvement of the community which at popular festivals finds space to show up and to speak out, counting on electronic media to be disseminated. Small folk groups take place at popular events, occupying spaces at parties, highlighting local identity and sharing knowledge and traditions while enchanting everyone, especially children. Laws, by means of decrees and official documents, are necessary for recognition and registration of *Folgado do Boi de Mamão*. However, for that to occur, it is necessary for government bodies to participate in the patrimonialization process, socializing and discussing the legal apparatus, its history and characteristics, minimizing possible resistance often presented by the bodies linked to the government themselves. This investigation also seeks to identify party groups and contribute to their revival, as they have existed for decades in *São Francisco do Sul* but still little known by residents. Finally, with this study, we will seek to contribute to the heritage development of the city's *Folgado do Boi de Mamão*. With these objectives in mind, we will present a report on an extension project, followed by our experience as teacher using the *Folgado Boi de Mamão* in a motivational and educational way in Arts classes. It is important to publicize the results of this research with the intention of guiding *Folgado* groups to find information that will help them to speed up their documentation process for patrimonialization. Therefore, the identity and history of a community can be kept alive, promoting cultural diversity and the transmission of knowledge over time.

Keywords: Immaterial Heritage. Social Identity. *Boi de Mamão*. *São Francisco do Sul*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho Franklin Cascaes - Nossa Senhora Linguado e Siri	32
Figura 2 – Casca de siri	32
Figura 3 – Capa do álbum "Eu vou botá meu boi na rua"	34
Figura 4 – Contracapa do Álbum "Eu vou Botá meu Boi na Rua"	35
Figura 5 – Capa Segundo álbum do Grupo Engenho.....	36
Figura 6 – Miolo do encarte "Álbum Engenho"	36
Figura 7 – Festas Populares dos Açores	39
Figura 8 – Boi de Mamão em Santa Catarina	44
Figura 9 – Bumba Meu Boi	44
Figura 10 – Mapa localização de Piauí	45
Figura 11 – Constelação de Taurus	47
Figura 12 – Caverna Lascaux	48
Figura 13 – Touro no Egito	48
Figura 14 – Francisco de Goya	49
Figura 15 – Pablo Picasso	50
Figura 16 – Salvador Dali.....	50
Figura 17 – "Festa da Coca", celebração do Corpus Christi em Monção, Portugal	58
Figura 18 – Distrito do Saí	64
Figura 19 – Localização de São Francisco do Sul	64
Figura 20 – Notícia de Jornal	66
Figura 21 – Grupo Musical Apolo Jovem	68
Figura 22 – Vovô - Folclore do Boi de Mamão da Praia Bonita	72
Figura 23 – Maricota do Folclore do Boi de Mamão da Praia Bonita.....	72
Figura 24 – O Boi de Mamão da Praia Bonita	72
Figura 25 – O Boi de Mamão da Praia Bonita	73
Figura 26 – Elementos do Boi do XXV de Dezembro.....	74
Figura 27 – Mandioca, elemento utilizado nas apresentações do Boi de Mamão	75
Figura 28 – Boitatá.....	80
Figura 29 – Cuca do Sítio do Pica-pau amarelo - Monteiro Lobato (1977)	81
Figura 30 – Boitatá de rolos de papel	82
Figura 31 – Cuca construída com materiais reutilizáveis.....	83
Figura 32 – Brasil e os Folguedos de Boi.....	85
Figura 33 – Santa Catarina: onde são encontrados alguns folguedos.....	86
Figura 34 – Boi de Mamão com material reutilizado.....	87
Figura 35 – Exposição de Boi de Mamão.....	87

Figura 36 – Exposição FUNDAMAS	88
Figura 37 – Bernunça	89
Figura 38 – Casarão Engenho dos Andrades	90
Figura 39 – Aprendendo a brincar o Boi de Mamão	91
Figura 40 – Aprendendo Brincar o Boi com o cavalinho	91
Figura 41 – Momento de histórias.....	92
Figura 42 – Camiseta customizada feita pelos alunos	93
Figura 43 – Frente do Fôlder	93
Figura 44 – Verso do Fôlder	94
Figura 45 – Atividade da oficina de Lendas populares	94
Figura 46 – Atividade da oficina	95
Figura 47 – Maricota construída com papel	95
Figura 48 – Bruxa do IFC.....	97
Figura 49 – Boi morre	97
Figura 50 – Dra. e o Boi.....	98
Figura 51 – Maria e o Boi.....	99
Figura 52 – Maria benzendo o boi.....	100
Figura 53 – Reza da Bruxa 1	100
Figura 54 – Reza da Bruxa 2	101
Figura 55 – O boi ressuscita e sai dançando	102
Figura 56 – Cavalinho levando o boi depois de laçado	102
Figura 57 – Cabra que brinca	103
Figura 58 – Bernunça	104
Figura 59 – Maricota entra para dançar no salão, com seus braços compridos	105
Figura 60 – Todos entram no salão	106
Figura 61 – Pulseira com berloque	107
Figura 62 – Terceira idade e o Boi do IFC	108
Figura 63 – Berloque comprado.....	108
Figura 64 – Integrantes do Boi de Mamão IFC.....	108
Figura 65 – Apresentação na Feira do Livro – São Francisco do Sul – 2018	109
Figura 66 – Boi de Inclusão 1	109
Figura 67 – Boi de Inclusão 2	110

SUMÁRIO

1	INÍCIO DO PERCURSO	Erro! Indicador não definido.
2	ENTRELAÇAMENTO ENTRE CULTURA E PATRIMÔNIO	15
2.1	IMIGRANTES – OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS E DIVERSIDADE CULTURAL...	17
2.2	CULTURA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL.....	19
2.3	PATRIMÔNIO MATERIAL EM SÃO FRANCISCO DO SUL - SC.....	25
3	PATRIMÔNIO IMATERIAL: GUARDAR E SALVAGUARDAR	27
3.1	O BOI DE MAMÃO EM SANTA CATARINA.....	29
3.2	TAUROMAQUIA.....	46
3.3	O BOI DE MAMÃO: PERSONAGENS	51
4	O BOI DE MAMÃO EM SÃO FRANCISCO DO SUL	59
4.1	O BOI DE MAMÃO DA PRAIA BONITA - VILA DA GLÓRIA.....	63
4.2	O BOI DE MAMÃO DA XXV DE DEZEMBRO.....	73
5	O BOI DE MAMÃO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	77
6	PERCURSO EM FINALIZAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXO A – Histórico do Boi de Mamão da Praia Bonita-Vila Da Glória.....	119
	ANEXO B – Construção de alguns elementos do Folguedo do Boi de Mamão	120

1 INÍCIO DO PERSURSO...

A cultura catarinense apresenta grande diversidade decorrente de diferentes processos migratórios no estado. Há a presença de descendentes alemães, poloneses e italianos no vale do Itajaí, portugueses (açorianos e madeirenses) no litoral, além de indígenas e africanos, e tantas outras etnias distribuídas nas distintas regiões.

No meu caso¹, nascida no alto vale do Itajaí em Santa Catarina e filha de descendentes de italianos e alemães, as memórias afetivas remetem à minha infância e adolescência. Quando pequena, lembro-me de minha “Nona”² que tinha por hábito tomar sopa de massa com vinho, comer polenta e queijo assado na chapa, sentada ao redor do fogão à lenha fumando seu cachimbo. Por outro lado, a “Omama”³ fazia as cucas, o pão caseiro de milho e a presença da batata com bacon e chucrute que faziam parte das refeições.

No litoral catarinense, a cultura açoriana traz o peixe ensopado ou o peixe frito e a linguça com pirão de farinha de mandioca na sua culinária. Dentre as representatividades culturais destacam-se a Festa do Divino, Boi de mamão, Pão por Deus, Terno de Reis, além de outras, distantes de minha vivência durante a infância e adolescência.

Com a minha vinda para Joinville, e mais próxima ao litoral catarinense, tive contato com a cultura açoriana por intermédio de meu esposo, Sérgio (*in memoriam*). Nascido no litoral catarinense e descendente de família portuguesa, na sua infância e adolescência trazia a cultura açoriana em seu cotidiano. Ao partilhar sua vida comigo, fui gradativamente inserida nesses costumes.

Após formada em Educação Artística e professora de artes no município de Joinville, tive a oportunidade de trabalhar a cultura popular catarinense com alunos do Fundamental 2, na faixa etária de 12 a 15 anos. Em um primeiro diagnóstico com os alunos, percebi a necessidade de maior atenção ao conteúdo, pois existia uma desvalorização do tema. Então, com olhar mais sensibilizado, e tentando não os desmotivar, procurei nos jogos, danças e músicas os recursos pedagógicos que animassem aqueles adolescentes. Nessa empreitada, descobri várias atividades

¹ O texto da dissertação está em primeira pessoa por se tratar de uma vivência pessoal como docente.

² Nona: As famílias de descendência italiana costumam usar Nona para se referir a avó.

³ Oma: As famílias de descendência alemã costumam usar Oma para se referir a avó.

capazes de promover maior motivação. Em votação entre os alunos para a escolha de um tema a ser estudado, para minha felicidade, o escolhido foi “Franklin Cascaes”, pesquisador da cultura açoriana, folclorista, historiador que, através do imaginário, apresenta elementos fortes como bruxas e boitatás. Cascaes instiga o suspense e a imaginação através de suas histórias, desenvolvendo no indivíduo possibilidades criativas de lidar com o desconhecido e a busca de soluções para as dificuldades encontradas no dia a dia (Castro, 2010, p. 16), temas que, na faixa etária a ser trabalhada, de 12 a 15 anos, iam ao encontro dos interesses dos alunos.

No desenvolvimento dos planos de ensino, surgiu a oportunidade de ir a uma festa açoriana na cidade de Araquari/SC. Encontrei ali o recurso pedagógico certo para trabalhar a temática em sala de aula, o folguedo do Boi de Mamão, com sua música alegre, suas cores, animais, história, fantasia e imaginário articulados em forma de brincadeira. Levei a proposta de construir um boi de mamão com papel machê e materiais recicláveis, prática aceita com alegria pelos alunos, coordenação e direção da escola. Esse primeiro contato foi significativo, pois, através do projeto, os alunos conseguiram entender e aprender sobre a cultura do estado. Este momento para mim, foi importante pois despertou carinho e paixão por essa brincadeira, que trago até os dias de hoje.

Como professora do Ensino Médio no Instituto Federal Catarinense – *Campus* de São Francisco do Sul/SC, tenho o Boi de Mamão como projeto de extensão, usando o bairro Iperoba como fonte de referência e inspiração para criar elementos que compõem o folguedo.

Mesmo inserida na cultura açoriana, senti a necessidade de me aprofundar em pesquisas para responder a algumas questões referentes ao Folgado Boi de Mamão na cidade de São Francisco do Sul, dentre estas:

- Como os diferentes setores, públicos ou privados, promovem o registro desse patrimônio imaterial?
- Como o IPHAN atende as necessidades de salvaguardar o patrimônio imaterial?
- Quais as dificuldades encontradas para salvaguardar o folguedo?
- De que forma as comunidades são envolvidas no processo de salvaguardar o Folgado do Boi de Mamão?
- De que forma podemos atrair os mais jovens para a prática das manifestações

folclóricas?

- O registro resolve o problema da falta de conexão com as gerações mais novas?
- Qual a contribuição que os folguedos de Boi de Mamão podem ter nas comunidades locais?
- Esses folguedos desejam ser patrimonializados?

Nesse momento, procurei a Universidade da Região de Joinville - Univille, por meio do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, para auxiliar na busca de respostas, com vistas a ter melhor compreensão sobre a importância do folguedo de Boi de Mamão como Patrimônio Imaterial na cidade de São Francisco do Sul.

O processo metodológico para a construção deste estudo baseou-se nas seguintes etapas:

1. busca na literatura e análise de documentos em formato físico e virtual;
2. consultas no Arquivo Histórico e na Biblioteca Pública da cidade de São Francisco do Sul;
3. levantamento da história e o arcabouço legal que regem o Patrimônio Imaterial;
4. mapeamento das regiões com registro de Folgado de boi;
5. identificação de grupos de Boi de Mamão no estado de Santa Catarina, principalmente na cidade de São Francisco do Sul;
6. utilização do projeto de extensão aplicado com a turma do terceiro ano do Curso Integrado ao Ensino Médio Técnico em Guia de Turismo no Instituto Federal Catarinense na cidade de São Francisco do Sul como fonte norteadora; e, por fim,
7. investigação sobre a quantidade de Bois de Mamão e seus registros nos órgãos públicos como IPHAN e sobre o seu tempo presente em São Francisco do Sul.

Diante do exposto, informamos que esta dissertação está estruturada da seguinte forma: No “Início do Percurso”, buscamos a contextualização do tema e aproximação com o objeto da investigação. No item dois “Entrelaçamento entre Cultura e Patrimônio” traz-se a ocupação de diferentes espaços pelos imigrantes e a diversidade cultural que se entrelaçam, as questões de memória e patrimônio emergem. No item três é abordado o Patrimônio Imaterial, desvendando sua história, os marcos legais e os passos necessários para salvaguardar um bem imaterial. Na quarta seção abordamos o Folgado Boi de Mamão no estado de Santa Catarina,

assim como o folclore dentro do estado catarinense, sua importância e seu registro no IPHAN (nível estadual). Apresentamos o Folgado do Boi de Mamão na cidade de São Francisco do Sul, sua importância seu registro no IPHAN e nos órgãos públicos como Patrimônio Imaterial (nível municipal). Discutimos o Folgado do Boi de Mamão como vivência escolar praticada nas aulas de artes, perfazendo um caminho como projeto de extensão na cidade de Joinville e São Francisco do Sul, vivenciados pela autora deste trabalho.

Este estudo se justifica pela total inexistência de trabalhos acadêmicos com vistas a investigar o funcionamento do folgado do Boi de Mamão como facilitador para uma proposta de consolidação desse bem cultural como Patrimônio Imaterial da cidade de São Francisco do Sul.

2 ENTRELAÇAMENTO ENTRE CULTURA E PATRIMÔNIO

De acordo com Caradini (1979, p. 234), a palavra patrimônio tem sentido diverso em distintas línguas. Em latim, *patrimoniu* é ligada à “herança de família, economia e questões jurídicas.” Os alemães usam *denkmalpflege*, para definir “o cuidado dos monumentos, daquilo que se faz pensar”, o inglês adotou a palavra *heritage*, ou seja, “aquilo que foi ou pode ser herdado”. Essas são algumas expressões nas quais a palavra patrimônio remete a noção de transferência hereditária, um legado para as gerações futuras.

Essa noção de herança traz certa estabilidade dos antepassados para com seus herdeiros, permitindo o sentimento de pertencimento, de posse com aquilo que fora deixado. Patrimônio engloba uma variedade de bens considerados valiosos e atraentes, definidos por uma sociedade ou comunidade. Estes bens podem ser descritos como recursos culturais, naturais, históricos e artísticos, recebidos do passado e vivenciados hoje. Podem também assumir várias formas como obras de arte, documentos, edifícios, sítios arqueológicos, festivais, paisagens culturais, além das tradições orais, como a poesia, música, histórias, contos, cantos e tantos outros.

Magnani (2012, *apud* Tamasso e Lima Filho, 2012, p. 45) ao discutir o Patrimônio Imaterial e Intangível afirma que:

[...] a questão dos bens imateriais (ou intangíveis) constitui um campo ainda imprecisamente delimitado. Não se trata de edificações, sítios naturais ou arqueológicos ou bens móveis, mas de “saberes”, “modos de fazer”, “festas e folguedos” constitutivos do modo de vida de atores sociais cujas diferenças são expressas em termos de direitos de cidadania.

A noção indicada leva a entender que a formação de identidade de um grupo social se dá por meio das representações pessoais do grupo, reafirmando e marcando sua etnia, explorando as narrativas como um processo de referência social.

Gonçalves (2012, p. 59) ao analisar as transformações que a palavra patrimônio teve menciona que ela se tornou uma “espécie de ‘grito de guerra’ e qualquer espaço da cidade, qualquer atividade, qualquer lugar, qualquer objeto pode ser, de uma hora para outra, identificados e reivindicados como “patrimônio” por um ou mais grupos sociais.” A partir dessa concepção, entende-se que hoje é muito comum falarmos em preservação, em patrimônio e em salvar um bem, mas a

forma como é feita, muitas vezes, principalmente um bem material tombado como prédios e casas, tem sido um problema para a cidade, pois traz consigo o desgaste da paisagem urbana. Este desgaste, com o passar dos anos, leva à depreciação do bem patrimonializado.

Preservar o patrimônio vai além de simplesmente manter esses recursos através de valores culturais e históricos desses elementos, transcende a preservação e o reconhecimento de sua importância dentro dessa diversidade cultural. Também pode ser considerado uma forma de dar significado vivo a símbolos que estão em constante evolução e de presença permanente nas comunidades de referência, garantindo a preservação dos bens patrimoniais. É necessário que as partes interessadas da comunidade se envolvam, pois só assim garantem o seu uso responsável, mantendo vivo estes bens.

Um bem cultural se caracteriza invariavelmente como imaterial podendo ampliar seu valor histórico ou patrimonial. Esse bem apresenta um significado influenciador a um grupo social através de suas manifestações artísticas, linguísticas, tradições, práticas culinárias e vivências. Essas expressões não são privilégio de indivíduos específicos, mas de reconhecimento para grupos sociais. A preservação deste bem é necessária para a manutenção da identidade e história de uma comunidade, mantendo viva a transmissão de conhecimentos ao longo dos anos, promovendo a diversidade cultural (Giannini, 2015, p. 992).

Bens Históricos conforme o Decreto-Lei 25 de 1937 (Brasil, 1937) é “um conjunto de objetos materiais ou imateriais existentes no país cuja sua conservação seja de interesse público e que tenha uma familiaridade com fatos memoráveis e de grande valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”

Os Bens Patrimoniais são referências culturais com elementos específicos e concretos relacionados a contextos relevantes buscando entender a construção da identidade cultural e social de uma comunidade ao longo do tempo. Podemos destacar os elementos materiais como construções, vegetação, propriedades e os elementos imateriais como imagens, símbolos etc. (Tamaso; Lima Filho, 2012, p. 256).

A noção de patrimônio tem se expandido consideravelmente, podendo se referir ao patrimônio natural, etnográfico, genético, entre outros, que podem ser classificados como material ou imaterial visando a resguardar as pessoas que influenciam e repassam os saberes tradicionais.

Pode-se dizer, então, que patrimônio é um conjunto de narrativas,

comportamentos, objetos e bens que fortalece culturalmente um grupo social permitindo uma identidade através destas representações de valores simbólicos.

Para quem, quando pequena tomava sopa de massa com vinho, comia polenta ao redor do fogão a lenha com uma nona fumando seu cachimbo e se deliciando com um queijo assado na chapa, ser apresentada a uma Festa do Divino, Boi de mamão, Pão por Deus, foi uma oportunidade de acessar a novos conhecimentos. No encontro com outras culturas descobrimos um estado catarinense diversificado, repleto de memórias afetivas e de identidade presentes no cotidiano que emocionam, que remetem ao nosso passado, lembrando dos antepassados como heranças marcadas na memória, que em sintonia, o sentimento, gera um compartilhamento da representação de um determinado grupo social.

2.1 IMIGRANTES – OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS E DIVERSIDADE CULTURAL

Essa diversidade cultural, de acordo com Soares (2006, pp. 17-18), toma corpo já nos anos de 1828 quando os primeiros colonos alemães, católicos de Bremen, vem se estabelecer próximo a Florianópolis, formando a colônia São Pedro de Alcântara. Já o Vale do Itajaí é colonizado mais tarde nos anos de 1850 com os imigrantes de Hamburgo e a colonização em torno da baía de São Francisco do Sul, dando assim, origem ao desenvolvimento da cidade de Joinville.

O Vale do Itajaí-Mirim recebeu imigrantes alemães e italianos nos anos de 1860. Brusque nesta época recebe os imigrantes irlandeses, que rapidamente se espalharam no entorno do rio, iniciando um centro precursor da indústria de tecidos.

Nos anos de 1836, a colonização italiana, no litoral do estado, teve início na bacia do rio Tijucas, muitos vindos da bacia do rio Itajaí intervindo nos costumes dos colonizadores que ali já estavam. Em 1875, imigrantes italianos desembarcam em Santa Catarina, se estabelecendo inicialmente no Oeste do estado, em 1877 aparecem no sul catarinense.

O movimento migratório de açorianos para o Sul do Brasil se deu durante os anos de 1743 a 1753. Uma iniciativa do governo português que ansiava por povoar e cultivar regiões estratégicas, isso incluía o sul do Brasil. Nessa época, esses imigrantes enfrentaram dificuldades, desafios, situações precárias e condições desconfortáveis. Mas com a chegada desses perseverantes civis, a mudança foi

significativa para a época, pois na região a povoação e o desenvolvimento era carente e necessitava desse crescimento.

A promessa de dias melhores, ferramentas, água, alimento e casa era sem dúvida um atrativo muito grande para os açorianos que queriam uma vida mais digna. Mas quando aqui chegaram à realidade era outra, a falta do cumprimento dessas promessas obrigou os imigrantes a começarem do zero, os desafios de adaptação a um ambiente desconhecido, foi o maior deles. Se adaptar às circunstâncias diversas contribuiu para a formação e evolução das sociedades locais. Aqui estando, procuraram pontos estratégicos para se estabelecer, a navegação era um ponto forte para os imigrantes e a construção de fortes foi necessária, um sistema defensivo que impedisse a invasão.

Com a imigração veio também a diversidade de ingredientes utilizados na culinária açoriana, que é marcada por pratos que tem como base a farinha de mandioca, milho e feijão. A tainha assada, o berbigão temperado e o camarão combinados com os ingredientes locais contribuem para a identidade cultural e única dessa região.

Os engenhos de farinha são os responsáveis pela produção do alimento essencial utilizado durante a colonização açoriana entre os anos de 1748 e 1756. Os engenhos de farinha são até os dias de hoje motivos de estudos e debates pela sua origem, comprometidos pela herança cultural e econômica da região sul do Brasil.

A pesca de baleia, um marco importante com a vinda dos imigrantes. A geração da economia com os diversos produtos derivados da baleia, abastecia a região com o óleo de baleia que era utilizado para a iluminação e para a produção de sabão, sem contar que sua utilização nas construções de casas e igrejas o azeite misturado a areia dava uma argamassa.

Os traços da arquitetura açoriana são destaque, geralmente em lugares mais altos. Sua construção feita por senhores e seus escravos utilizando pedra, cal e azeite de baleia. Alguns detalhes de origem lusa são associados a moradias açoriana-brasileira como: teto de telhas, não tem forro, o beiral em formato de telhas superpostas e o maior detalhe fica nos beirais das construções com um formato de pombo.

A importância das igrejas tanto no século XVIII como atualmente, servem de encontro social e manifestações de fé para as comunidades em torno da igreja, desempenham múltiplos papéis na vida das pessoas, pois servem como espaços de

trocas de experiências e manifestações religiosas, além da preservação da identidade cultural com seus santos padroeiros. As igrejas, por serem local para expressar a fé e praticar eventos religiosos, permanecem como testemunhas históricas e atuais da rica herança cultural e espiritual trazida pelos açorianos.

Não é preciso se ter um aprofundamento sobre a imigração no estado para se entender a ideia formada pelos elementos culturais presentes estarem interligados em Santa Catarina. Nessa prática a evidência da harmonia entre os saberes culturais dos povos de outros estados, resulta nas presenças folclóricas que se interligam de maneira não comum entre outros estados brasileiros, contribuindo para as manifestações culturais e folclóricas encontradas no estado.

Soares (2006) acima citado mostra a importância da imigração e sua contribuição para o estado, trazendo essa diversidade cultural através das influências coloniais, contribuindo assim, para a interculturalidade catarinense, uma diversidade cultural como recurso antropológico da tradição folclórica.

Preservar e valorizar a cultura garante, através da vivência de grupos, a transmissão e o compartilhamento de tradições fortalecendo a identidade, muitas vezes já esquecidas, de um povo e, assim, quando trazemos na memória e passamos para outras pessoas, estamos praticando o transmitir de conhecimentos, deixando vivas pequenas ações.

2.2 CULTURA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Para Pereira (2003), cultura é o resultado da vivência, da relação de vida do homem em sociedade, com a natureza e com as ideias. Não dá para separar cultura, natureza e vida, é um todo. O ser humano tem uma abundância de poder de criação e experimentos de cultura colocados em prática no dia a dia. Então, podemos dizer que cultura é a alma do ser humano, pois um não vive sem o outro. A cultura está embutida no homem. Para firmar essa colocação, Pereira (2003, p. 18), define cultura como “uma totalidade de complexos que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

A UNESCO⁴ define patrimônio imaterial como “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” Esse conceito foi ratificado pelo Brasil na Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial em março de 2006 (UNESCO, 2003).

Os modos de fazer, as memórias, na *forma* de estar, na *forma* de ver e representar o mundo, as relações sociais estão ligadas de forma muito íntima com as comunidades, gerando um entrelaçamento, no qual a sociedade se identifica e promove uma relação histórica e enraizada na prática, no envolvimento e na transmissão de seus conhecimentos.

O valor determinado ao patrimônio cultural é dado pelas comunidades a partir de suas próprias identidades e isso é reconhecido através da memória coletiva construída por meio de traços sociais e história que trazem carregados consigo ao longo dos anos. Gonçalves (2012, p. 11), em seu livro Figuras de Valor: Patrimônio Cultural de Santa Catarina, traz uma reflexão sobre valor patrimonial e cultural como algo que importa, tem o seu significado pelo que apresenta, marca um momento histórico e esses momentos históricos são valores de lembranças. Podemos encontrar também valores históricos de objetos antigos e esses contêm o momento histórico, marcados pela passagem do tempo registrados pelo desgaste.

Por valor de memória, entende-se nesta dissertação, que memória é uma forma de identidade. É uma parte vital que nos torna humanos recheados de lembranças e experiências de afetividade e momentos que nos influenciam diretamente a recordações consideradas especiais. As pessoas que pertencem a uma comunidade atribuem valor de memória a momentos de presença afetuosa, traduzindo sentimentos de apego e lembranças trazidas e registradas que se materializam no modo de fazer como experiência da comunidade.

O valor de memória e valor de lembrança estão presentes neste trabalho quando falamos em Folguedo de Boi de Mamão, uma manifestação folclórica transmitida por gerações, presente na memória pelo aprendizado, transferido por seu grupo de etnia, sua identidade, gerando afeto e apego ao fazer, ao participar e ao brincar o Boi de Mamão.

⁴ UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&pg=00024> Acesso em: 29 jun. 2023.

A preocupação com a preservação do patrimônio, surge no final da Segunda Guerra Mundial. Muitas edificações e monumentos entendidos como patrimônio foram perdidos. A inquietação decorrente foi de que essa história tão significativa não fosse esquecida, apagada. A grande questão imposta naquele momento era como recuperar e restaurar esses monumentos atingidos durante a guerra e que as heranças culturais ali registradas não fossem esquecidas e não se perdesse em meio a tantos escombros. De tal imperativo surge a necessidade de se tomar atitudes para preservar esses monumentos.

Então, nos meados da década de 50 a discussão dava-se em torno da restauração e da criação de um órgão preocupado em preservar o patrimônio da humanidade, a nossa história como comunidade e povo. Nesse período, um dos grandes marcos foi a criação da UNESCO, cujo objetivo é defender o patrimônio mundial da humanidade, assegurando a preservação dos monumentos construídos diante de tanta devastação causada pela Segunda Guerra Mundial.

Na metade da década de 60, essa necessidade de preservar os monumentos motivou convenções, declarações e cartas, destacando-se: a Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauo dos Monumentos e Sítios (Carta de Veneza – 1964); a Carta de Washington (1986); e a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas (1987), entre outras. Esses documentos foram elaborados e acolhidos em forma de normas internacionais dando proteção aos monumentos de patrimônio construído. Assim, após essa preocupação internacional, viu-se a necessidade de criar órgãos que tivessem uma representação em seus países seguindo as determinações internacionais.

A consideração e preocupação pelo patrimônio imaterial, era inexistente até esse momento, quando foi evidenciada na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais em 1982. Nessa conferência foram estabelecidos princípios de base que auxiliam na proteção de bens intangíveis. Desde então, o patrimônio imaterial passou a ter proteção e ação por meio de leis no âmbito federal, estadual e municipal. Tais documentos trazem uma concordância com as convenções internacionais, que estabelecem as leis sobre o assunto, preservando, dessa forma, a diversidade cultural, as heranças, as tradições e as expressões de cada povo, guardando e preservando a diversidade cultural dessas comunidades.

A Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais de 2008, conforme Pelegrini (2008, p. 163):

[...] não se furtou a difundir uma acepção mais abrangente e capaz de identificá-los como 'conjunto de traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos' que balizavam 'uma sociedade e um grupo social' [...] Essas recomendações adquiriram maior peso político na Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura tradicional e popular.

De acordo com a autora, fazer uma extensa interpretação sobre patrimônio imaterial, define uma sociedade ou um grupo social através de seus traços afetivos e intelectuais de ordem espiritual ou material, entendendo, assim, que há necessidade de proteger com políticas e leis estabelecidas a cultura tradicional e popular.

No Brasil, em 1937, Getúlio Vargas, estabelece o Decreto-Lei nº 25/1937 (BRASIL, 1937) para regular e dar segurança ao patrimônio cultural, instituindo o tombamento de bens históricos. Com o advento de novas regras e leis surge também a necessidade da criação de novos órgãos. Surge, então, o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado para atender à grande procura pela preservação do patrimônio nacional, gerando uma consciência sobre a prática de proteção baseada no Decreto de tombamento o qual limitava ter o direito de propriedade em termos de valores culturais e de identidade nacional.

Em 1946 o SPHAN passa a fazer parte do IPHAN, o que antes era considerado um setor de Serviço, agora passa a ser Instituição. Desta forma abrange a questão da preservação de bens tangíveis como bens intangíveis como as festas populares, tradições orais, expressões artísticas e os conhecimentos tradicionais. Em agosto de 2003, o IPHAN recebe o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) responsável por pesquisar, documentar e defender o folclore, a cultura popular e o patrimônio imaterial no âmbito nacional, sendo uma referência para as políticas de salvaguarda.

Em 1975, deu-se a criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) de grande importância para a preservação do patrimônio imaterial do Brasil, com o objetivo de mapear, documentar e compreender a diversidade cultural do país. Essas práticas culturais imateriais e tradicionais locais abrem novos caminhos para a expressão cultural em grupos da sociedade civil, antes esquecidos e agora engajados e assegurados pelo CNRC. O CNRC concentrou seus esforços em criar instrumentos de proteção para os conhecimentos do saber popular. Com este objetivo, em 1997, foi realizado em Fortaleza o Seminário de Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção. Este evento foi fundamental para a aprovação e divulgação do Decreto

Presidencial nº3.551 em 04 de agosto de 2000.

Essas novas formas de proteção que vão surgindo no decorrer do tempo são apoiadas pela Constituição Federal Brasileira de 1988, que em seu artigo Nº 215 estabelece que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais, o acesso às fontes de cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Assim, o Seminário de Patrimônio Imaterial em Fortaleza, veio para firmar este decreto (Monte e Passos, 2022, p. 5).

Para garantir que todas essas normas, leis e incentivos acontecessem, o governo de Fernando Collor lança o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC). O PRONAC⁵ tinha o objetivo de arrecadar e encaminhar recursos para facilitar o acesso às fontes de cultura, estimular as comunidades regionais na produção cultural e salvaguardar os bens materiais e imateriais do vasto patrimônio cultural e histórico do país, tendo a oportunidade de financiamento para projetos culturais através da Lei Rouanet nº 8.313 de 1991 (FUNARTE, 2022).

Com essas mudanças e a criação de leis e decretos, a necessidade de registrar o patrimônio agora se torna necessária. Essa ação é contemplada quando surge o Decreto Nº 3.551 de 2000, que cria um sistema de proteção ao patrimônio imaterial em nível federal. Nesse Decreto é criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) que visa a viabilizar e salvaguardar projetos que identificam, reconhecem e valorizam o patrimônio imaterial do Brasil.

O Conselho Consultivo do IPHAN, como órgão deliberativo, é responsável por estabelecer quais bens culturais e qual categoria se apresenta, podendo ser por meio de registro, quando for o caso de bens imateriais ou tombado quando forem bens de ordem material. Todo indivíduo, que vive em sociedade civil tem o direito de apresentar um pedido de Registro, se aceito terá inscrição do bem em um dos Livros para este fim. São eles:

- **Livro dos Saberes** (conhecimento e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades);
- **Livro das Celebrações** (festas, rituais que marcam a vivência coletiva do trabalho, a religião, do entretenimento e de outras práticas da vida cotidiana);
- **Livro das Formas de Expressão** (manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas).

⁵ PRONAC. <https://www.gov.br/funarte/pt-br/incentivo-e-apoio-a-arte/programa-nacional-de-apoio-a-cultura-pronac> 2022. Acesso em: 25 jul. 2023.

Também cabe ao Conselho Consultivo, atribuição definida no Decreto N° 3.551 (IPHAN, 2000), liberdade de criar novos livros caso sinta-se a necessidade ou se é relevante.

Em 17 de outubro de 2003 em Paris, na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, a UNESCO vem colaborar para a implementação de políticas públicas de fomento referente ao diálogo intercultural e à criatividade humana intervindo em superar a desigualdade e a diversidade cultural como base de sustentabilidade para planos internacionais, regionais e locais (Castro, 2010, p. 7).

Em 1º de março de 2006, o Brasil, realizou a retificação da Resolução N° 001/2006, determinando diretrizes para salvaguardar o patrimônio imaterial e elencando requisitos que devam ser cumpridos para realizar um processo de registro de um bem cultural de natureza imaterial. A Resolução Brasileira trata da necessidade do cumprimento de algumas informações, como o interesse no seu reconhecimento como patrimônio, as histórias desse bem, a participação dos envolvidos no grupo social onde ocorre ou está situado o referido bem e qual sua relação com o bem, documentações textuais argumentativas, registro através de fotos, vídeos, filmes e fontes bibliográficas.

Ressaltando a grande preocupação em salvaguardar o Patrimônio Imaterial, em 2006 no Peru, é criado o Centro Regional para *la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial* da América Latina (CRESPIAL), fazendo parte os seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Peru (IPHAN, 2019). O Brasil, representado pelo IPHAN, tinha a função de fortalecer a valorização e a preservação de bens do Patrimônio Cultural Imaterial com os outros países latino-americanos.

No ano de 2010, foi implementado o Instituto Nacional da Diversidade Linguística (INDL), um novo sistema de salvaguardar bens que trazem uma referência de línguas a identidades e memória de diferentes grupos que interagem dentro da sociedade brasileira, instituído no Decreto N° 7.387 de 9 de dezembro de 2010.

O Século XX foi um grande marco de mudanças para o Patrimônio, pois ampliou seu conceito. Hoje compreende-se não só natural, material e imaterial, pois vai além dessa concepção de pertencimento, visto que se sentiu a necessidade de se adotar ações para novas categorias e instrumentos de proteção dos direitos culturais e ao acesso da cultura nacional (Pelegri, 2007, p.152).

2.3 PATRIMÔNIO MATERIAL EM SÃO FRANCISCO DO SUL - SC

São Francisco do Sul, está localizada no litoral norte do estado de Santa Catarina, a 215 km da capital, Florianópolis. Faz divisa com as cidades de Itapoá, Balneário Barra do Sul, Araquari, Garuva e Joinville.

Originalmente conhecida por Nossa Senhora das Graças do Rio São Francisco, nome utilizado até meados do século XIX, em 1866 passa a ser chamada de Vila de São Francisco Xavier do Sul. O município teve várias denominações até chegar a São Francisco do Sul, o que ocorreu com o Decreto-Lei estadual nº 941, de 31 de dezembro de 1943.

Na cidade de São Francisco do Sul, falar sobre patrimônio é falar do centro histórico dessa cidade. Rodeada de uma diversidade arquitetônica composta por casas coloniais, igrejas históricas, sambaquis, orla marítima banhada pela Baía Babitonga.

Em 1640, com o fim da União Ibérica, pequenos grupos de colonizadores, em busca de melhores condições de vida, ocuparam alguns pontos do litoral catarinense (Pozzobon, 2016, p. 18), chegando até São Francisco do Sul, e trazendo consigo um pouco da sua cultura açoriana.

Devido ao seu grande referencial paisagístico e histórico, o centro da cidade de São Francisco do Sul é tombado pelo IPHAN desde 1987. Porém, isso não garante a preservação do patrimônio, porque o não uso do imóvel promove prejuízo para salvaguardar este bem e leva a sua degradação. Faz-se necessária a permissão, o uso e a apropriação pelos órgãos responsáveis para que a comunidade possa ser motivada a utilizar estes imóveis, gerando renda com a instalação de atividades comerciais, culturais e de lazer para a comunidade local e turística. Portanto, é necessário criar estratégias para a isenção de impostos, incentivando melhoria na infraestrutura, o que possibilita melhor acessibilidade, segurança e conforto para as pessoas que costumam frequentar o local, despertando o senso de pertencimento e identidade (Pozzobon, 2016, p.163). A preservação de um bem, material ou imaterial, depende da participação ativa da comunidade e de órgãos responsáveis por sua gestão.

Pedidos de tombamento sofreram alteração no ano de 1984 ao serem atribuídos novos valores aos conjuntos urbanos, levando São Francisco do Sul como documento histórico e, sendo assim, protegido como Patrimônio Cultural Brasileiro

(Santiago, 2015, p. 37). A cidade, através do processo de tombamento Nº 1.163-T-85, torna seu centro histórico um bem tombado no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico, Paisagístico e Histórico conforme a tabela abaixo (Tabela 1):

Tabela 1 - Conservação de Imóveis em São Francisco do Sul

Nome do bem	Processo de tombamento nº	Ano da notificação (tombamento provisório)	Ano da inscrição (tombamento definitivo)	Livros do Tombo
Centro histórico de Laguna	1.122-T-84	1984	1985	Arqueológico, etnográfico e paisagístico; e Histórico
Centro histórico de São Francisco do Sul	1.163-T-85	1985	1987	Arqueológico, etnográfico e paisagístico; e Histórico
Freguesias luso-brasileiras (Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição, Santo Antônio de Lisboa e Enseada do Brito)	1.273-T-88	2016	-	
Núcleo urbano de Alto Paraguaçu	1.548-T-07	2007	2015	Arqueológico, etnográfico e paisagístico; e Histórico

Fonte: IPHAN (2020)

Rabello (2009, p. 19) estabelece que:

Preservação é o conceito genérico. Nele podemos compreender toda e qualquer ação do Estado que vise conservar a memória de fatos ou valores culturais de uma Nação. É importante acentuar esse aspecto já que, do ponto de vista normativo, existem várias possibilidades de formas legais de preservação. A par da legislação, há também as atividades administrativas do Estado que, sem restringir ou conformar direitos, se caracterizam como ações de fomento que têm como consequência a preservação da memória.

3 PATRIMÔNIO IMATERIAL: GUARDAR E SALVAGUARDAR

Entende-se que o processo de patrimonialização é necessário para que haja a preservação de valores por grupos produtores de bens culturais. Apesar dos avanços, ainda se encontra muita resistência em salvaguardar um bem nos órgãos ligados ao governo. Diante de tantas leis, decretos apresentados pelos órgãos competentes, os jogos de poder para a construção de saberes de patrimônio estão muito fortes e marcantes. O Patrimônio imaterial não é apenas um conhecimento, mas também uma forma de apego que precisa ser sentido e ter um sentido. Sem essas características de pertencimento não se entende mais o patrimônio imaterial somente como um meio pelo qual se preserva o todo pela memória.

O estado de Santa Catarina, assim como outros estados, tem o sentimento de pertencimento ligado à memória e identidade de um grupo social. Estabelece vínculo entre as gerações e tempo através da Fundação Catarinense de Cultura⁶ (FCC), que assume o papel de preservar, garantir e salvaguardar os bens do Patrimônio Histórico e Cultural do estado.

Como já relatado na seção anterior, o estado de Santa Catarina é formado por cultura diversificada, composto pelas gerações luso-açoriana, germânica, italiana, gaúcha, polonesa, sem contar com os núcleos de ucranianos, libaneses, japoneses, negros, indígenas, entre outros. Com essa miscigenação, as manifestações culturais sofrem hibridismo cultural dentro do estado.

Toda cultura é dinâmica e obedece a esse amontoado de criatividade dos descendentes, adicionando novos traços em nome de certa modernidade, rompendo com o passado e com o tradicional.

Para que esse contato com o passado não se dilua, foram desenvolvidas as manifestações culturais, marcando a presença dos imigrantes na região litorânea do estado. Hoje, ainda existem manifestações folclóricas de ascendência luso-açoriana, como o Folgado do Boi de Mamão, Festa do Divino, Terno de Reis, Pau de Fitas, o Pão-por-Deus e tantas outras.

O projeto “Ô de Casa”, criado pela FCC, registra os bens tombados no estado através de um “passeio virtual”. Com o auxílio do *Google maps* consegue-se localizar

⁶ <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/patrimoniocultural/patrimonio-material/listagem-de-bens-tombados>. Acesso em 20 ago. 2023.

os bens edificados e tombados, bem como os municípios que possuem esse tombamento. Assim, a população tem acesso e pode conferir os imóveis através desse recurso, viajando virtualmente e ajudando a conhecer melhor nosso patrimônio estadual.

Cabe ao Poder Executivo do estado o tombamento de um bem imóvel. Qualquer cidadão ou instituição pública pode solicitar a abertura do processo na preservação de bens culturais ou naturais nos órgãos responsáveis. A Lei nº 17.565, de 06 de agosto de 2018 estipula em seu Art. 6º que

O tombamento será promovido pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), ouvido o Conselho Estadual de Cultura (CEC), após homologação pelo Governador do Estado, quando se tratar de bens imóveis, ou pelo Titular da Pasta responsável pelos negócios da Cultura, quando se tratar de bens móveis.

Após o registro do processo no CEC, tudo é encaminhado para deliberação e, caso seja aprovado, o proprietário receberá uma notificação informando que o bem requerido passa a ser protegido pela lei. Descaracterizações, mudanças, destruição ou demolição não podem ocorrer até que seja tomada a decisão final, e o seu registro no Livro de Tombo.

O Decreto Nº 2.504/2004, que trata do Patrimônio imaterial no estado de Santa Catarina, organiza as formas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível. O registro destes bens deve ser efetuado em um dos quatros livros, já citados anteriormente.

GUARDAR – Antonio Cicero

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
 Em cofre não se guarda coisa alguma
 Em cofre perde-se a coisa à vista,
 Guardar uma coisa é olhá-la,
 Fitá-la, mirá-la por admirá-la,
 Isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
 Guardar uma coisa é vigiá-la,
 Isto é fazer vigília por ela,
 Isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
 Isto é, estar por ela ou ser por ela.
 Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
 Do que um pássaro sem vôos.
 Por isso se escreve, por isso se diz,
 Por isso se publica, por isso se declama um poema:
 Para guardá-lo:
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema.
 Por isso o lance do poema:
 Por guardar-se o que se quer guardar

O poema "Guardar" evidencia a importância de salvaguardar os bens culturais através de registros para valorizar aqueles que detêm esse conhecimento, dando participação e execução democrática para a preservação do patrimônio cultural por meio da autonomia na gestão de seu bem, para que as heranças valiosas e significativas e as expressões vivas de memória e identidade possam ficar na vivência de uma comunidade, perpetuando seu legado (IPHAN, 2017).

Saber guardar e salvaguardar um bem é importante nos dias de hoje assim como foi nos dias de ontem. São formas de vivência prática e espontânea de maneira simples que buscam a satisfação do ser humano, compatibilizando e compartilhando as necessidades de realização do exercício do fazer popular.

3.1 O BOI DE MAMÃO EM SANTA CATARINA

Santa Catarina, está localizado entre os estados do Paraná (ao Norte), Rio Grande do Sul (ao Sul), a Argentina (Oeste) e o Oceano Atlântico (Leste). Menor estado da região sul do país, ocupando uma área de 95.442,9 km², uma população de 7.609.601 habitantes⁷. É dividido em 8 regiões: Litoral, Nordeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Planalto Serrano, Meio-Oeste e Oeste. É um estado cheio de encantos e poucas horas são suficientes para experimentar mudanças climáticas e diferentes culturas através dos sotaques, comidas e paisagens urbanas e rurais.

A forte influência da imigração europeia para o estado é marcada por festas folclóricas, danças e trajes típicos como, por exemplo, a *Oktoberfest*⁸ (*fest*= festa, *oktober*= outubro), considerada uma das maiores festas alemãs das Américas. Surgiu em 1984, com o objetivo de recuperar a economia da cidade e a alegria dos habitantes da cidade de Blumenau após uma grande enchente, em que muitos moradores perderam tudo, vista como a forma que o governo encontrou para dar a motivação necessária para a população. Outras cidades, no mês de outubro, realizam suas

⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc.html> Acessado em 15 de jul 2023.

⁸ Oktoberfest. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Oktoberfest_\(Blumenau\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oktoberfest_(Blumenau)) Acesso em 15 out. 2023

festas tradicionais impulsionadas pela Oktoberfest, tais como a Fenarreco em Brusque e a Marejada, em Itajaí. Parte delas elegem suas rainhas e realizam concursos como Chopp em metro. A culinária típica alemã é a base de carne de porco, repolho, batatas e salsichas

A cultura italiana também é bem forte. Apresenta festas típicas com muitas danças, músicas e culinária. Nessas festas uma das atrações mais esperadas é a do tomo da polenta, a massa (canelone, macarrão, lasanha, tortei, ravioli), queijo estão sempre presentes no cardápio dos descendentes italianos e claro que não pode faltar o vinho e a graspa, que é a aguardente feita do bagaço da uva. Nessas festas italianas, os jogos tradicionais são a bocha e a mora.

Festas tradicionais espalhadas pelo estado, uma diversidade cultural atraindo turistas e levantando a economia do estado. No litoral catarinense, as festas tradicionais ou populares trazem em sua essência a cultura açoriana e madeirense. A culinária envolvendo os frutos do mar e a farinha de mandioca, suas músicas e brincadeiras como o Folguedo do Boi de Mamão, Pau de Fita e Folia de Reis fazem a festa e encantam turistas e foliões. Em uma tarde de domingo, principalmente, um dia de chuva, sem sol, ao fazer um bolinho de banana, tomar um café quentinho, um bolo de fubá colocamos em prática uma antiga tradição aprendida com a mãe e, mesmo sem perceber, replicamos um costume, uma cultura, um folclore.

Sobre o folclore catarinense, há muitos folcloristas e pesquisadores que proporcionam escritos e registros importantes sobre o assunto, preocupados em preservar a história. Um deles é Franklin Cascaes, considerado por Caruso e Caruso (1997, p. 7), "(...) professor Cascaes enquanto vivia, e mestre Cascaes, depois de morto." Nasceu em 1908, morreu em 1983 e passou a vida em Florianópolis. Atuou em pequenas comunidades de pescadores e agricultores, estudando os aspectos folclóricos, culturais, as lendas e as superstições de sua gente. Era ceramista, antropólogo, desenhista, gravurista e escritor brasileiro. Não media esforços para realizar suas pesquisas. Sem ajuda de custos ele ouvia, via, desenhava e escrevia em um relato de linguagem popular. Através de seus escritos tinha a sensibilidade de transmitir, sem modificações, as expressões, imagens ditas daqueles que viviam no mar e se comunicavam com o mar, daquele que trabalhava na terra e nela ia incorporando suas visões e sua sabedoria com maestria.

Em 1983, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) recebeu a doação de um acervo com documentos e obras artísticas criadas por Cascaes: a "Coleção

Professora Elizabeth Pavan Cascaes”. São aproximadamente 3.000 peças de cerâmicas, madeira, cestaria e gesso; 400 gravuras em nanquim; 400 desenhos a lápis e escritos como lendas, contos, crônicas e cartas, resultados de depoimentos coletados na população de Florianópolis.

As lendas e histórias retratadas por Cascaes são contadas e recontadas, escritas e interpretadas por muitos professores, pesquisadores e folcloristas, principalmente de Santa Catarina. A escrita das credices bruxólicas dos ilhéus foram relatos feitos por pessoas analfabetas ou semianalfabetas desde meados do séc. XIX.

Conhecer Florianópolis é mergulhar em um mundo de seres mitológicos, com muitas lendas e histórias envolvendo bruxas e seres do mar.

Há um conto que ouvimos há muito tempo e que sempre contamos aos nossos alunos. Sempre que comemos siri nos lembramos dele e já levamos casquinha de siri para a sala para fazermos um estudo sobre esse:

Nossa Senhora, o linguado e o siri – Collaço (2022, p. 144) (Figura 1).

Conta a estória que certa ocasião Nossa Senhora precisou atravessar o mar, mas não tinha certeza se a maré iria encher ou vazar. Estava parada na praia; praia esta que deveria ser no continente, mas ela queria passar para a mais bela ilha da terra, a Ilha de Santa Catarina, quando surgiu um bonito linguado nadando ali perto dela. Com toda sua beleza e ternura celestial, dirigiu-se ao peixe linguado, indagando-lhe se sabia ou não se a maré ia encher ou vazar. O linguado respondeu à pergunta da Senhora, remedando-a. Ficou com a boca torta. Um siri que havia escutado a indagação da Senhora e a deseducada resposta do linguado, dirigiu-se a ela com toda educação sirinesca, e lhe ofereceu uma carona até a praia onde ela queria alcançar. Afirma a estória que o resultado deste acontecimento lendário é o seguinte: o linguado ficou com a boca deformada. No casco do siri se observa, em baixo relevo, a figura de uma senhora segurando os lados da saia, para não molhá-la. Deve ser o retrato de Nossa Senhora, num ato celestial sublime de sincero agradecimento, pela atitude hospitaleira do frágil crustáceo.

Figura 1 – Desenho Franklin Cascaes - Nossa Senhora Linguado e Siri



Fonte: Blog Nave Criativa⁹

Na imagem acima podemos reconhecer os elementos tratados por Cascaes em seu conto, pois aprendemos desde pequenos que imitar uma pessoa de forma debochada não é certo. Com este conto, os mais velhos passavam seu conhecimento e sabedoria através de palavras que foram contadas e recontadas com o passar dos anos. Sempre que tem um siri cozido, sua casca fica rosa e a representação de Nossa Senhora aparece em alto relevo (Figura 2).

Figura 2 – Casca de siri



Fonte: Portal Tempo Novo¹⁰

⁹ Disponível em: <https://www.navecriativa.com/a-mistica-sobre-lendas-e-misterios-de-florianopolis/> acesso em 16 out. 2023

¹⁰ Crustáceo, cozido com a imagem de Nossa Senhora, conforme o conto de Franklin Cascaes. Disponível em: Novo <https://www.portaltenponovo.com.br/captura-e-venda-de-caranguejo-proibida-ate-o-fim-de-novembro/> Acesso em 16 out. 2023

Podemos dizer, então, que Cascaes foi uma celebridade, por seus registros e obras deixadas. Muitos outros folcloristas e estudiosos sobre o assunto utilizam da sua obra para pesquisas.

Como o Folgado do Boi de Mamão é uma das manifestações folclóricas de grande atração, principalmente no litoral, muitos grupos musicais se inspiraram nesse tema para compor algumas de suas músicas. Entre eles podemos destacar o Grupo Engenho (Florianópolis) e o Grupo Tarrafa Elétrica (Itajaí), que trazem em suas apresentações e composições musicais o queridinho Boi de Mamão. No ano de 1977 Marcelo Muniz, Chico Thives e Luiz Mourkazel, criaram em Florianópolis o Grupo Engenho (já extinto), se projetando nacionalmente no ano de 1979, com uma produção independente. Lança seu primeiro álbum: *Vou Botá Meu Boi na Rua* (Figura 3), as músicas desse álbum, são resultados obtidos de pesquisas sobre o folclore de Florianópolis. Inspirados por este tema, surgem as composições para o primeiro álbum do grupo. Estas pesquisas foram realizadas pelos próprios integrantes do grupo (Figura 4), sob a orientação do professor e artista Franklin Cascaes.

O grupo Engenho, nos anos de 1977/1980, foi uma referência da música catarinense, quando se tratava de folclore catarinense. Em suas canções as referências de cultura das classes populares e o modo de vida das comunidades do interior de Florianópolis, eram a sua marca. Em suas músicas, o destaque pela economia dessas comunidades camponesas de interior, girava em torno da agricultura familiar, da pesca artesanal e na produção da farinha de mandioca nos engenhos movidos à água ou à tração animal. Loz (2021, p. 3)

Vou Botá Meu Boi Na Rua - Grupo Engenho
Compositor Alisson Abreu Mota (1979)

Eu vou sair pela cidade
Vou usar minha razão
Eu vou mudar esta história
Com o meu boi de mamão

Vou acabar co' esta tristeza
De ver meu povo chorar
Eu quero ver muita folia
Quero ver meu boi brincar

É a Maricota dançando na rua
Mostrando que a luta não pode parar
É o jaraguá com a meninada
É o povo unido no mesmo lugar

É o vaqueiro na peça do boi
Aprende com a vida não pode errar
Oi abram alas minha gente
Que a bernunça quer passar

Eu vou botá meu boi na rua
Quero ver meu boi brincar

Esta é a letra da música que deu nome ao primeiro álbum do grupo Engenho em 1979, (Figuras 3 e 4) “Vou Botá meu Boi na Rua”. Loz (2021), em sua dissertação de mestrado, fez uma análise e vários estudos sobre a letra da música, foi além da interpretação da música. Buscou e encontrou elementos históricos de memória, tradição e identidade de um grupo social que vivia no interior de Florianópolis.

Figura 3 – Capa do álbum "Eu vou botá meu boi na rua"



Fonte: Loz (2021)

Figura 4 – Contracapa do Álbum “Eu vou Botá meu Boi na Rua”



Fonte: Loz (2021)

Nas análises realizadas por Loz (2021, p. 14), além do estudo da letra da música foi realizado, em sala de aula, uma leitura da fotografia da capa e contracapa do álbum, de forma a identificar a historicidade temporal através das roupas e fotografias. No final seus estudos, concluem que “O uso dessas fontes históricas vem como contributo aos estudantes na possibilidade de situar-se no tempo e construir relações de temporalidades para orientação de sua existência, ou seja, sua vida prática.

Para o autor, com um estímulo e uma investigação histórica é possível chegar a ter uma experimentação rica com o passado e uma vivência cultural dentro de uma sociedade moderna, proporcionando atitudes de reflexão em relação ao seu convívio social, despertando para a tradição, memória e a identidade de uma sociedade.

No nosso ponto de vista, com a letra da música “Vou Botar Meu Boi na Rua”, podemos ter um olhar de liberdade, já que vivemos oprimidos. Muitas vezes, somos obrigados a nos calar e, quando ele fala vou “botá” meu boi na rua, leva-nos a refletir sobre externar nossas opiniões. Outra mensagem que a música nos passa é a relação de convívio social. Nos dias atuais, pouco encontramos o boi na rua para brincar e

quem já brincou tem em sua memória momentos de muita festa, alegria, reunião de família.

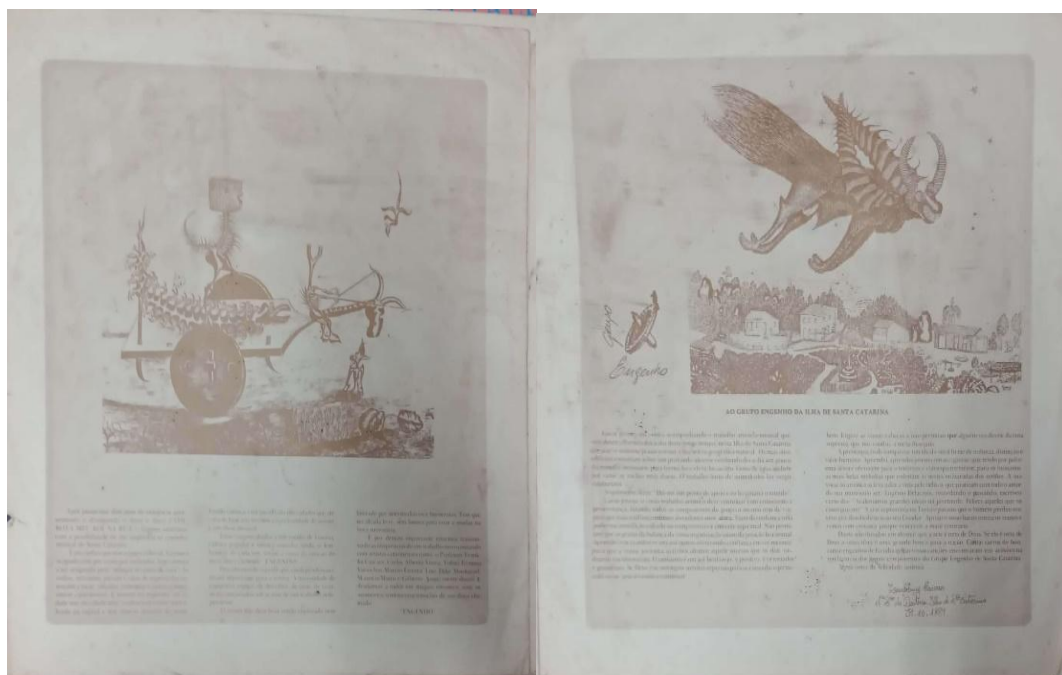
O segundo álbum do grupo Engenho, com o título *Engenho* (Figura 5), não perde sua função em divulgar a cultura de Florianópolis. Cascaes tem uma participação marcante, deixando seu registro no encarte da obra. Ao meio está, de um lado, o desabafo do grupo pelas dificuldades encontradas e, de outro lado, o agradecimento a Cascaes pelo apoio dado a eles, firmando essa parceria com desenhos do artista que aproveita a ocasião para parabenizar o grupo pela perseverança em continuar o trabalho (Figura 6).

Figura 5 – Capa Segundo álbum do Grupo Engenho



Fonte: Acervo pessoal

Figura 6 – Miolo do encarte "Álbum Engenho"¹¹



Fonte: Acervo pessoal

¹¹ Nas figuras 6 e 7, a resolução das imagens estão bem desgastadas, pois as capas por estarem em contato com luz do dia, a tinta acaba se apagando

As interpretações, tanto de Cascaes como do Grupo Engenho sobre a cultura local, despertaram interesse em outros pesquisadores. Nereu do Vale Pereira, nascido em Florianópolis no dia 13 de setembro de 1928, foi um deles. Professor na UFSC, doutor em sociologia, economista e folclorista, publicando dezoito (18) livros, voltados à vida dos manezinhos. Entre eles o livro “*O Boi de Mamão – Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina – Introdução ao seu estudo*”, em 2010. A obra conta a trajetória do Folguedo do Boi de Mamão até os dias de hoje, em uma narrativa clara cheia de detalhes e questionamentos sobre folclore como uma ciência autônoma ou como uma manifestação de vida.

Essa obra de Pereira ajudou a entender um pouco mais sobre a cultura do Folguedo do Boi de Mamão. A preocupação em não deixar esta cultura se perder no tempo foi tão importante, que no dia 22 de agosto de 2019, dia que comemoramos o folclore brasileiro, foi declarado Patrimônio Imaterial da cidade de Florianópolis o Folguedo do Boi de Mamão, com a lei 20.629/ 2019 (Florianópolis, 2019).

O Boi, peça principal do Folguedo, já tem sua importância e significados desde há muito anos, então antes de entrar no assunto sobre folguedo de bois, é importante conhecer a relação entre o homem e o animal boi na Europa, principalmente Portugal e Espanha, região ibérica.

No estado de Santa Catarina, quando vamos falamos sobre a cultura popular, encontramos o Folguedo do Boi de Mamão, uma mistura de medo e mistério, uma ligação de amor e carinho que vem da afetividade familiar remetendo ao passado, transmitido de geração em geração, passando de pai para filho e que continua essa prática até os dias de hoje.

Quando discutimos ou falamos sobre o Folguedo do Boi de Mamão em Santa Catarina, um dos primeiros pensamentos é: de onde vem essa tradição? E o que é Folguedo de Boi de Mamão? Por que esse nome?

Conforme Pereira, na sua obra *Boi de Mamão*, (2010, p. 50-51), o autor discute a origem, ela tem várias fontes de surgimento. Pode ter vindo do Nordeste como um ritual africano e religioso, de forma a depreciar a masculinidade do animal, considerando-o como um boi mamão, isso quer dizer um boizinho que mama. Pode também estar se referindo a alguém que precisa tomar uns goles de cachaça para ficar animado e dançar, isto é o dançador é um beberrão, em um linguajar popular “mamador”.

Para Pereira (2010), continuando com seus estudos, a origem pode estar inspirada em bois falsos ou aqueles bois de pano utilizados para ridicularizar as corridas de touros nas praças das cidades onde os jovens se passando por toureiros, cavaleiros, retaguardas, músicos e cantores, personagens que ocupavam lugares de destaque nos exercícios taurinos. O autor traz à tona uma questão muito discutida dentro do cenário da origem do Boi de mamão e esclarece que é equivocada a ideia de que ele tenha origem nos Açores e também não foi diretamente os açorianos que trouxeram esta manifestação. Para estabelecer e dar crédito a essa ideia Pereira (2010) realiza uma viagem até os Açores e comprova através de seus estudos que ali não existe e nem existiu qualquer manifestação parecida com o Boi de mamão (Figura 7).

Ao nos depararmos com esta colocação de Pereira, nos surpreende, pois, escutamos principalmente nas escolas, que é uma cultura açoriana, que veio dos Açores. No entanto, conforme seu relato de viagem aos Açores no ano de 1979 diz que, a única manifestação encontrada foi a da utilização de touros artificiais construídos, era a prática do exercício da tauromaquia¹².

Para achar uma definição do que é o boi de mamão ou de onde vem o nome, que não é aqui nosso objetivo, podemos encontrar várias publicações em revistas e artigos nos Boletins da Comissão Catarinense de Folclore que trata deste assunto¹³.

Baseado no livro de Pereira (2010), o Folguedo do Boi de Mamão e a Farra do Boi, que foi por muito tempo praticada no estado, têm uma forte tendência vinda da Península Ibérica. Antes de ser conhecido como farra do boi, as comunidades catarinenses, chamavam essas brincadeiras de boi como Folia de Boi ou Boi no Campo, brincadeira essa que depois de cansarem o boi, o matavam e repartiam a carne entre os participantes (Lacerda, 2003, p. 33).

Quando falamos em Folguedo de Boi de Mamão, a manifestação mais próxima que encontramos foi o Folguedo Juvenil, encontrado na Espanha. Pode ser chamado também de *Juego de la Vaquilla*, *El Toro de Mimbre* ou também como *Toro Falso* (Pereira, 2010, p. 53).

¹² Dicionário Espanhol/português PONS. Disponível em: <https://pt.pons.com/tradu%C3%A7%C3%A3o/portugu%C3%AAs-espanhol/tauromaquia> Acesso em 18 out. 2023

¹³ Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/HEMO.html> Acesso 18 out. 2023

Figura 7 – Festas Populares dos Açores



Fonte: Wikipedia (2023)¹⁴

Nesta forma de apresentação e brincadeira de boi (Figura 65), o que lembra o Folgado Juvenil é nos momentos em que o boi faz a investida ao público, menção de ataque ao público, chifrar é a forma em que o boi dança divertindo e até dando sustos ao público, até neste momento não apresenta e nem representa nenhum ato de louvação, como costumamos ouvir.

Oswaldo Ferreira de Melo (06/12/1929 – Florianópolis, faleceu em 17/02/2011 – Florianópolis) formado em direito pela UFSC, sendo descendente de açorianos dedicou seus estudos para a história açoriana, literatura, música e folclore de Santa Catarina¹⁵. Em suas pesquisas e estudos antropológicos encontrou na cultura negra o ritmo do bumba meu boi, do nordeste, a morte e ressurreição do boi como forma de ritual religioso, uma prática dos negros escravos, trazidos para o Brasil (Pereira, 2010, p. 54).

Para Soares (2006), Jornalista, pesquisador, folclorista, professor e escritor catarinense, em seus estudos sobre o folgado do boi de Mamão, há muitas dúvidas de como surgiu essa brincadeira, referindo-se ao Folgado do Boi de Mamão. A primeira atribui-se aos nordestinos, com seu deslocamento para a Ilha de Florianópolis.

Câmara Cascudo, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, citado por Soares (2006,

¹⁴ Tourada à corda na Ilha Terceira, Açores, Portugal. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tourada_%C3%A0_corda Acesso 18 out. 2023

¹⁵ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7510161072715252> Acessado em 18 out. 2023

p. 50), sobre o Folguedo do Boi de Mamão, escreve que na Espanha e Portugal, havia os touros tingidos, feitos de vime ou bambu, uma estrutura frágil e leve, recoberto de pano, que ganhava vida através de movimentos realizados por um homem que ficava embaixo dessa estrutura. Dançava e pulava desfilando em frente aos reis.

De acordo com Soares (2006), o primeiro registro de Folguedo do Boi de Mamão na Ilha de Santa Catarina foi datado em 1871 por José Boiteux, jornalista, historiador, advogado e professor, no *Jornal O Carapuço*¹⁶ relata que, antes dessa data, é possível ter tido apresentação desta manifestação, mas não foi encontrado nenhum registro antes desta data.

Encontramos em algumas cidades catarinenses, principalmente as que estão no litoral, ou próximas a ele, o Folguedo do Boi de Mamão. Em Navegantes, o Grupo Estrelinha do Bairro São Pedro. Este grupo folclórico de Boi de Mamão foi premiado e reconhecido pelo Ministério da Cultura através do Projeto Humberto de Maracanã, promovido em 2010¹⁷. O grupo tem projetos de ação social como o de resgatar a cultura açoriana, envolvendo crianças e adolescentes carentes que se encontram em situações de risco, praticando valores éticos, de respeito, de solidariedade e de cuidado e amor ao próximo. Trabalho desenvolvido desde o ano de 2001, dados da Prefeitura Municipal de Navegantes.

Na cidade de Itapema, encontramos o Grupo Raiz da Terra¹⁸, que em 2021 foi premiado pela Lei Aldir Blanc, recebendo recursos para execução de documentário sobre o grupo na divulgação da cultura do Folguedo do Boi de Mamão da cidade. Este documentário é entregue gratuitamente às escolas da região. É um dos grupos de boi de Mamão mais antigos existentes no estado, com várias premiações culturais.

A Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, é a cidade que tem o maior número de grupos com o Folguedo do Boi de Mamão em plena atividade¹⁹, com um total de 11 grupos folclóricos, assim distribuídos: Associação Folclórica Boi de Mamão do Itacorubi (06/05/1988); Boi de Mamão do Ribeirão da Ilha (1980); Associação

¹⁶ *Jornal O Carapuço*, um jornal pernambucano que circulou entre 07 de abril de 1832 a 28 setembro de 1847. Disponível em:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=546:o-carapuço-jornal&catid=38:letra-c Acesso em 16 nov. 2023.

¹⁷ Prefeitura Municipal de Navegantes - <https://www.navegantes.sc.gov.br/boi-de-mamao> Acesso em 23/10/2023

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i-FESBkNaYI> Acesso em 16 nov. 2023.

¹⁹ Guiafloripa <https://guiafloripa.com.br/cultura/folclore/grupos-folcloricos-em-florianopolis> Acesso 16 nov. 2023

Folclórica Boi de Mamão do Pantanal (1982)²⁰; Grupo Folclórico Boi de Mamão de Sambaqui (1985)²¹; Grupo Folclórico Boi de Mamão da Vargem Grande (1992); Associação Cultural Arreda Boi (1994); Associação Folclórica Boi de Mamão do Campeche (1998); Associação Folclórica Boi de Mamão do Jurerê (2000); Grupo Alivanta meu Boi (1995)²²; Boi de Mamão do Petinho (2004)²³; Boi de Mamão do Santo Antônio (2011)²⁴.

Na cidade de São Francisco do Sul, encontramos os seguintes Grupos de Boi de Mamão: Boi de Mamão do 25 de dezembro, Grupo de Boi de Mamão da Vila da Glória, Grupo Boi de Mamão do Água Branca, sobre os quais vamos abordar em uma seção à parte nesta dissertação.

O Folgado do Boi era conhecido como “Boi de Pano”, ou “Boi Falso”. Depois de alguns anos, passou a ser chamado de Boi de Mamão. Em estudos realizados, não havia a data desta mudança de nome, mas em 1871 Boiteux, em seus escritos já falava em Boi de Mamão. Muitas são as discussões sobre o nome e muitas são as explicações para esse nome (Soares, 2006, p. 51).

Pereira (2010) relata que para Seixas Neto, que nasceu e morreu em Florianópolis, um manezinho como chamam, astrônomo, matemático, jornalista e escritor brasileiro, em vários estudos realizados na cidade de Florianópolis, uma primeira designação sobre o nome o Folgado do Boi de Mamão seria que o fato de utilizar o boi na dança, um bezerro que ainda mama, um boi mamão, por ser muito jovem não tinha a bravura de um boi adulto. Essa afirmação de Pereira (2010) busca justificar sua colocação quando define a palavra Boi de Mamão. A forma de dançar e a coreografia utilizada nas apresentações do Boi de Mamão é um conjunto de movimentos que articulam com o boi nordestino, ele é até chamado de Bumba meu Boi catarinense.

²⁰ Boi de Mamão do Pantanal. Disponível em: <https://prosas.com.br/empreendedores/33226> Acessado em 24 out. 2023.

²¹ Grupo Folclórico Boi de Mamão de Sambaqui. Disponível em: <https://naselvacomsilvia.blogspot.com/2010/09/grupo-folclorico-boi-de-mamao-de.html>. Acesso em 24 out. 2023

²² Grupo Alivanta meu Boi. Disponível em: <https://lunetas.com.br/folgado-boi-de-mamao/> Acesso em 23 out. 2023

²³ Boi de Mamão do Petinho. Disponível em: https://www.facebook.com/boidemamaopetinho/?locale=pt_BR Acessado em 23 out. 2023

²⁴ Boi de Mamão do Santo Antônio. Disponível em: <https://www.fundacaofranklincascaes.com.br/boi-de-mamao>. Acessado em 23 out. 2023

Nos folguedos de boi de Santa Catarina, em suas apresentações, podemos observar que o boi gosta de brincar, rodopiando e pulando o tempo todo. A forma de se apresentar e a definição do autor acima, pode ser a de que ele nos lembra esse boi novinho, que brinca e encanta, principalmente as crianças.

Seixas Neto, traz uma segunda hipótese sobre o nome Boi de Mamão, firmando o que Pereira (2010, p. 57) já mostrou no início da seção. Para aquele que dança, o jovem ou rapaz que fica embaixo da armação do boi, para poder brincar exigia um copo de cachaça, aí o nome “mamador”.

Estas duas definições são trazidas em estudos pelo autor que durante anos se dedicou aos estudos de folclore. Pereira e Seixas Neto adotam essas definições como forma de encontrar o porquê do nome Boi de Mamão.

O Folguedo do Boi de Mamão é uma brincadeira que existe em todo o território brasileiro e é apresentado de diferentes formas. Pereira (2010), em seu livro *O Boi de Mamão*, apresenta as principais diferenças entre as formas de dançar o boi do Nordeste e o boi de Santa Catarina.

1 - O bumba-meu-boi do Nordeste, é dramático, faz parte do ciclo natalino, enquanto o boi de mamão não faz parte do ciclo natalino, este espaço e ciclo é destinado a folia de Reis, o boi de mamão aparece depois do Natal até o Carnaval;

2 – O bumba-meu-boi é luxuoso, com brilho, cores fortes e brilhantes, os personagens se vestem como uma realeza, o boi de mamão remete à simplicidade, procura retratar o verdadeiro animal;

3 – A coreografia de forma tauromáquicas artificiais para o boi nordestino, traz sátiras sociais como:

- o marimbondo, o homossexual;
- a Maricota, mulher “sapatão” que se casa com o anão como forma de domínio;
- o urso, o amigo falso;
- a caipora, a prostituta, entre outros;

4 – Os personagens no bumba-meu-boi: 2 vaqueiros e 1 curandeiro dançam junto com o boi e o cavalinho, podem aparecer outros personagens, depende de cada região. No boi de mamão temos muitos personagens que compõem o boi, geralmente tem sua hora para entrar e dançam sozinhos ou em pequenos grupos e podem convidar o público para participar;

5 – As músicas, letras e ritmo são muito diferentes, o que é percebido de forma explícita. No bumba meu boi, a influência é da cultura negra. O boi de mamão, por ser

de base açoriana²⁵, é inspirado na música popular portuguesa dos açores: *Laurindinha ou Ritinha*. Essa influência é encontrada quando o cavalinho deixa o salão e sua quadrinha é assim:

Lá vai, lá vai
Deixá-lo ir
Se tiver amor,
Ele vai e torna a vir

6 – Os músicos, os tocadores e cantores e os instrumentos utilizados. No bumba meu boi utilizam-se as violas, tambores e matracas²⁶. No boi de mamão encontramos o repentista, aquele que chama o boi, responsável por orientar a apresentação dos personagens e as danças. Cada grupo compõe suas músicas que são, portanto, bem específicas. Nesse âmbito, os instrumentos mais utilizados são o violão, cavaquinho, chocalhos, tambor, acordeon e outros instrumentos de sopro;

Em 1890, os primeiros nordestinos vêm para Santa Catarina para a construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande. Antes dessa data não se tem registro de imigrantes nordestinos aqui. O primeiro registro de boi de mamão em Santa Catarina foi feito por José Boiteux em 1871. Como já discutido, Pereira (2010) refuta a ideia de que o boi de mamão tenha vindo do Nordeste: tanto o boi de mamão (Figura 8) como o bumba meu boi (Figura 9) devem ter surgido no Brasil por influência da prática folclórica de “*Los Toros de Mimbres*”, os touros falsos da Espanha dos anos de 1740-1780, durante a prática dos exercícios tauromáquicos na iniciação de crianças e jovens, para lidarem com os touros “miuras”²⁷.

²⁵ O Boi de Mamão não é açoriano, mas tem sua base nos Açores, através das práticas tauromáquicas

²⁶ Matraca: instrumento utilizado em diferentes manifestações culturais e religiosas na Amazônia. Um dos protagonistas no bumba-meu-boi, o instrumento de percussão é parecido com o reco-reco, sendo duas lâminas de madeira que durante atrito entre elas, produz um trilha de ruído – (PORTAL DA AMAZÔNIA, online).

²⁷ **Miura:** bovino mitológico considerado o mais furioso do mundo, descendente do primitivo e feroz Arouque, já extinto. Famoso pelas touradas. (WIKIPÉDIA, online)

Figura 8 – Boi de Mamão em Santa Catarina



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 9 – Bumba Meu Boi



Fonte: Outras palavras²⁸

Ao contrário de Pereira (2010), Doralécio Soares (2006), no seu livro *Folclore Catarinense*, apresenta um verso da cantoria de bumba-meu-boi, que foi adotada no boi de mamão, que trata da morte do boi, fundamentando sua posição de que o boi de mamão vem sim do Nordeste.

²⁸ Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/no-tempo-do-bumba-boi/>

O meu boi morreu
 O que será de mim
 Vamos buscar outro, ó maninha
 Lá no Piauí

Na Figura 10, podemos observar onde está localizado Piauí, região nordeste do país.

Figura 10 – Mapa localização de Piauí



Fonte: Portal Brasil Escola²⁹

Soares (2006) apresenta uma discussão quanto às coreografias, dizendo que elas são semelhantes, têm uma base rítmica parecida e a mesma criatividade quando introduz uma nova figura na apresentação. Outra representação que Soares (2006) traz em seu livro *Folclore Catarinense*, que tem uma ligação com o Bumba meu Boi, é a Bernunça. No Nordeste, os folguedos do boi têm o “Surtão ou Jaraguá”, uma figura parecida com a Bernunça do Boi de Mamão. A diferença é que estes dois, o Surtão e o Jaraguá, brincam em pé com somente uma pessoa em seu interior, mas tem uma bocarra grande também, lembrando a Bernunça, não tem cantoria própria, e aparece junto com os outros bichos do folguedo.

Essas manifestações culturais, principalmente a tauromaquia, por influência do Príncipe Dom Miguel, filho de Dom João VI, um valente guerreiro, tinha como *hobby* a tourada. O príncipe introduz essa modalidade e a transforma em exercício de guerra. O treino com jovens era feito com um boi falso ou uma novilha que estivesse próxima ao seu primeiro cio. Pereira traz essa referência como no ano de 1850, quando se tem o aparecimento tanto do Bumba meu Boi como do Boi de Mamão em registros

²⁹ O Piauí fica entre Maranhão e Pernambuco, regiões que Doralécio defende como a região do boi de mamão. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/regiao-nordeste.htm> Acesso 24 out. 2023.

próximos a essa data (Pereira, 2010, p. 75).

Ainda de acordo com Pereira (2010), o exercício taurino no estado de Santa Catarina é a simulação de uma corrida de touros com origem no folguedo popular “*Toiro de Mimbres da Espanha*”, que, diferentemente de Boiteux, relata que pode ter chegado até o estado através dos açorianos ou pelas forças espanholas, quando tomaram Florianópolis em 1777. E, assim, o boi passa a ser utilizado não só para o combate, mas também como forma de divertimento, conhecido como a farra do boi, ou boi no campo, ou boi na vara.

Para Pereira (2010), o Boi de Mamão é uma manifestação que vive há séculos, onde especialmente jovens e crianças procuram praticar o exercício da tauromaquia utilizando touros falsos, construídos com armação de madeira e recoberto por pano colorido ou malhado (branco com preto), denominando essa prática de boi de pano. A figura do boi é apresentada com características de um boi sem virilidade e um boi novo inofensivo, sem bravura, é conhecido como moleque ou cabra

O termo cabra utilizado pelo autor, refere-se a ridicularizar o touro. Na tauromaquia, chamavam assim os touros de lide, aquele touro que não é valente, fraco e medroso, não ataca o toureiro. A plateia em coro grita - Cabra, cabra. Assim fica designado o touro, de cabra.

As figuras do Boi de Mamão se apresentam de forma lúdica e tem função de sátira, não só na figura do boi, mas sim em todas as figuras que entram em cena.

3.2 TAUROMAQUIA

Conforme Pereira (2010, p. 66), os séculos VII e VIII a.C. são o período em que foram encontrados os primeiros registros de atividades de dominação de touro, para abate ou não, exclusivamente realizado pelos homens. Os exercícios de guerra realizados pelo povo celta eram realizados de forma tauromáquica³⁰ utilizando o boi.

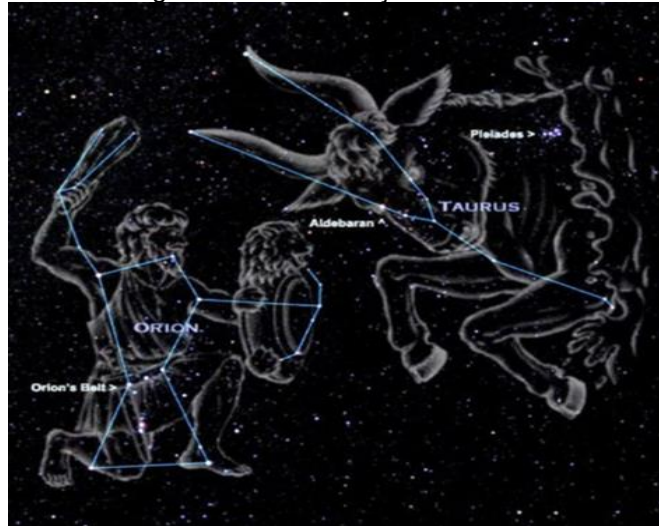
Os touros, na convivência humana, têm vários significados e são representados de diversas formas, como podemos observar a seguir:

1 – **A Constelação de Taurus** (Figura 11) – Na astrologia é o signo de touro, aproximadamente entre 2700 e 1400 a.C. o povo Creta já considerava o touro um animal sagrado e o utilizava em seus rituais, levando em consideração sua bravura,

³⁰ Tauromaquia: tem origem na língua grega (*taurus* – corresponde a touro, toiro, boi feroz e valente e *maquia* – a luta, combate, enfrentamento).

coragem e nobreza. A constelação de taurus é fácil de se localizar: encontre as Três Marias (cinturão de Orion), olhe em linha reta à esquerda (ponto de vista hemisfério sul) e procure por uma estrela laranja. Encontre ali um formato de Y. (Mendes, 2010).

Figura 11 – Constelação de Taurus

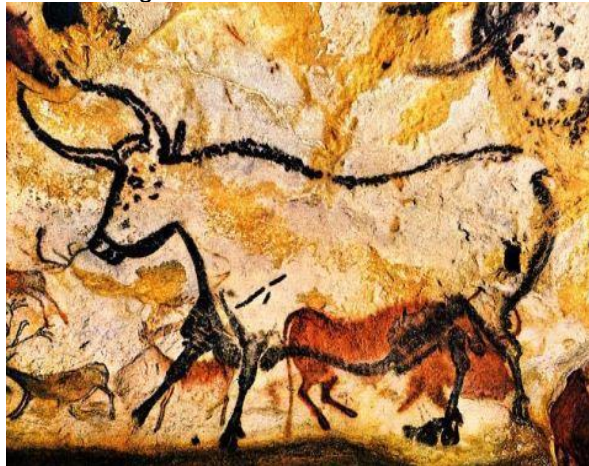


Fonte: Megaastrologia³¹

2 – **Caverna Lascaux** (Figura 12) – Situada no vale do rio Vézère, próximo de Périgueux, a Gruta de Lascaux foi descoberta em 1940 pelo jovem Marcel Ravidat, validada por Henri Breuil, que a situou no período Perigordense. Recentemente, a sua datação posicionou-a no final do Período Solutrense, em 17.000 AP. Considerada um dos melhores exemplos de Arte Rupestre, não só pela quantidade (1900 pinturas registradas) como pela qualidade, está inscrita pela UNESCO como Patrimônio Mundial (1979) (Russo, 2021-2022, p. 7).

³¹ Disponível em: <https://megaastrologia.com/2020/10/a-constelacao-de-touro/> Acesso em 16 nov 2023

Figura 12 – Caverna Lascaux³²



Fonte: Blog História da Arte³³

3 – No Egito – **Buchis** (Figura 13), touro sagrado e adorado, simboliza a fertilidade. Quando representado com o falcão, simboliza Deus da Guerra. Tão importante quanto o faraó, quando morto era mumificado (Sales, 2016, p. 3).

Figura 13 – Touro no Egito



Fonte: História das Artes Visuais³⁴

A imagem e representação da figura do touro, nas touradas inspiraram grandes artistas, como Picasso, Goya e Dali, simbolizando a luta e o poder opressor, nas tauromaquias. Em 2014, o Museu de Arte Brasileira (MAB) e a Produtora Mega

³²Disponível em: https://arterusso.net/assets/ens_harte/f01_prehistoria.pdf Acesso em 16 nov 2023

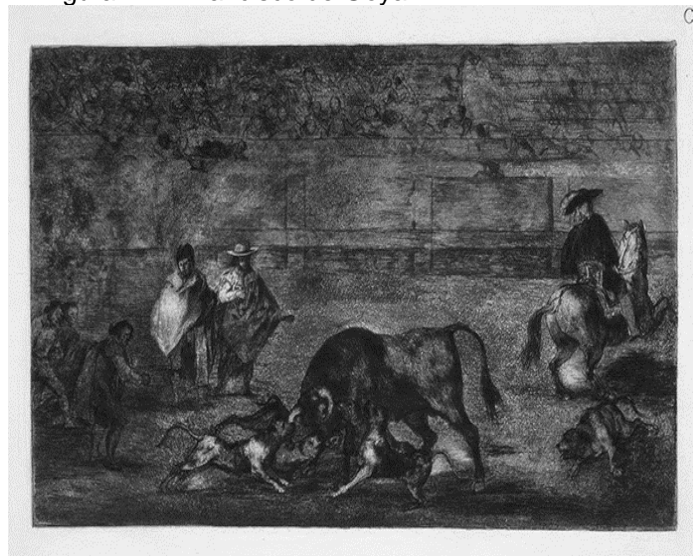
³³ Disponível em: https://lealuciaarte.blogspot.com/2012/01/por-sua-antiguidade-pode-se-verificar_30.html Acesso em 25 out. 2023.

³⁴ Disponível em: <https://hav120151.wordpress.com/2017/11/05/o-touro-e-sua-simbologia/> Acesso em 25 out. 2023.

Cultural, em São Paulo, trouxeram uma exposição desses mestres da pintura com o tema tauromaquia, com trabalhos desenvolvidos que destacam a sua sedução pelas corridas de touros. Picasso aparece com seus estudos para a obra *Guernica*, uma inspiração na tauromaquia. Podemos encontrar mais detalhes sobre a exposição no sítio da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)³⁵.

Para Goya (Figura 14) a tauromaquia é a expressão da resistência política. Em 1816, o artista lançou uma série de 33 gravuras retratando cenas de touradas. Cenas de violência que ocorrem na praça de touros e nos movimentos dos toureiros, apresentados na forma de entretenimento popular, suas gravuras utilizaram as técnicas de *calcografia*³⁶, água-forte e água-tinta (BURINI, 2019, p. 249). Como observado na obra a seguir:

Figura 14 – Francisco de Goya



Fonte: Arte Blog³⁷

Picasso (Figura 15), inspirado na tauromaquia, desenvolveu, em tamanho original, seus estudos para a obra *Guernica*. Medeiros e Preve (2021, p. 9), em seu artigo *Tauromaquia, aventura e educação*, relatam um Picasso apaixonado pela prática da tauromaquia, exigindo novas técnicas de si mesmo, criando a ligação do artista com a ação da tauromaquia.

³⁵ Disponível em: <https://www.faap.br/hotsites/exposicao-tauromaquia/> Acesso em 25 out. 2023.

³⁶ Calcografia: gravura em metal

³⁷ La Tauromaquia. 1815-1816. Gravura em metal, água-forte, água-tinta, ponta seca e caneta. 38x57 cm. Art Camú, Coleção de Arte. Disponível em: <https://www.arteeblog.com/2014/06/tauromaquia-picasso-dali-goya.html> . Acesso em 25 out. 2023

Figura 15 – Pablo Picasso



Fonte: ArteBlog³⁸

Já, Salvador Dali (Figura 16), fez uma releitura surrealista dos desenhos de Goya, da série, “Los Caprichos” e da obra “Tauromaquia Suite” de Picasso, uma extensão de diálogo artístico, mantido entre os dois artistas por anos.

Figura 16 – Salvador Dali



Fonte: ArteBlog³⁹

O confronto entre liberdade e força bruta é o que encontramos quando interpretamos a tauromaquia. Mas, além destas constatações, fazer uma

³⁸ Frente à estaca, 1960 – Tinta sobre papel 47x72 cm – Coleção Particular©Succession Picasso 2014. Disponível em: <https://www.arteblog.com/2014/06/tauromaquia-picasso-dali-goya.html>. Acesso em 27 out. 2023

³⁹ Tourada Nº. 3, 1965 - Litografia original - Coleção particular. Disponível em: <https://www.arteblog.com/2014/06/tauromaquia-picasso-dali-goya.html>. Acesso em 27 out. 2023

representação de poder autoritário ou da capacidade de independência e emancipação através da figura central que é o touro com seu significado de força, bravura e fertilidade é o que podemos encontrar nas obras desses mestres da pintura.

Até aqui encontramos fortes ligações do touro com o homem, no misticismo, na história da humanidade, na sobrevivência humana e na forma de divertimento em arenas, expressando a bravura do animal versus homem.

3.3 O BOI DE MAMÃO: PERSONAGENS

A seguir, apresentaremos as personagens mais comuns dos Folguedos de Boi de Mamão de Santa Catarina, acompanhadas da música a elas relativas. Vale lembrar que cada grupo folclórico tem seu próprio repertório (Pereira, 2010).

a) A Maricota

A Maricota é uma mulher extravagante e desengonçada, machona e gigante. Utiliza seus braços compridos para bater em quem se aproxima dela, principalmente no marido, que é um anão, que é manso e covarde. Ela é uma mulher homossexual e valentona. Pereira (2010) também traz uma leitura na qual a personagem Maricota é uma sátira da mulher de origem alemã, por geralmente ser alta, de pele branca e de bochechas rosadas, o que está fora dos padrões das mulheres açorianas. Essa divergência foi percebida a partir de 1829 quando se dá início a colonização alemã no estado.

Chamador: "Pessoal, atenção que está entrando no salão a moça mais bonita do Ribeirão, a menina Maricota"

Olê, olê, olê, olá

Dona Maricota

Vem vindo pra dançar (bis) (Este refrão é repetido entre cada estrofe)

Dona Maricota,

Nariz de pimentão,

Entrou toda faceira,

No meio do salão!

Fizeram um bale de fita,

Fizeram um baile de cota,

Só quem dança neste baile,

É a senhora Maricota!

A Maricota é noiva,
É noiva pra se casa,
O noivo da Maricota,
Não tem casa pra mora!

A Maricota já disse,
Não pode dizer que não,
Ela está sozinha
No meio do salão!

A altura que ela tem,
Parece até um bordão,
Pode chamar seu noivo,
Pra entra que é um anão!

O Anão está dançando,
Parece um percevejo,
Curve as costas Maricota,
Pro Anão te dar um beijo!

Ó senhora Maricota,
Vai lá o meu pedido:
Dá um abraço no Anão,
Que vai ser o seu marido!

A Maricota vai agora,
Que está escurecendo
Para a altura que ela tem,
O noivo é muito pequeno!

Ela sai dançando agora,
Quando dança ela não falha,
Eu peço pro pessoal,
Que dê uma salva de palma!

Mas como ela vai embora,
Está tudo já prevenido,
Agradecimentos agora,
O pessoal agradecido!

Anão andando pra trás,
Pra frente que nem caranguejo,
Maricota arque as costas
Pro Anão te dá um beijo!

O beijo que ele deu
Todo o mundo assistiu
O beijo da Maricota
É numa noite de frio!

Atenção, ó meu senhor,
Atenção, minha senhora,
Pedimos sua licença,

A Maricota vai embora!

Na letra da música da Maricota, podemos observar que a descrição que Pereira faz sobre ela e seu marido anão é como deve ser seu comportamento durante sua apresentação. Esta letra de música é do Grupo Boi de Mamão Ribeirão da Ilha, de Florianópolis.

b) O Urso

O urso no Folguedo do Boi de Mamão representa o amigo, mas aquele amigo falso ou traiçoeiro.

O chamador:
Atenção, senhor vaqueiro
Escute o meu cantar
Está chegando a hora,
Deixa o urso brincar.

O vaqueiro chama os ursos: vem cá meu bicho urso (entram os ursos branco e preto)

Ele é um bicho brabo, é urso, é urso
O macaco vem atrás!
Bicho urso acorrentado!
Vai pegando as crianças
Solta os bichos das correntes
Bicho urso é bicho brabo
Ta pegando o macaco
Pela âncora do rabo!
Este bicho ta brincando
O vaqueiro e o Mateus!
Este bicho ta brincando!
Veja as unhas que ele tem!
Ele tem a cara feia
É a visão que lhe convém!
Bicho urso é bicho brabo!
Veja o branco e o pretinho!
E o macaco como pula
Parece um bonequinho!
Parando de brincar!
O macaco e o bicho urso,
Os dois vão se agarrando!
E nós vamos apartando!
Bicho urso acorrentado,
Pois é um bicho brabo

E não vai se machucar
Espalhando o pessoal!
Aqui dentro do lugar
Vai seguindo seu caminho
O difícil vem agora
Bota o urso na corrente
Te despede e vai embora

O urso como tudo
O que ele pega devora,
Está chegando a hora
Nosso urso foi embora! (bis)

Na cantoria, o urso, conforme Nereu, representa o amigo falso. Na leitura da letra, podemos verificar que o urso é brabo e está acorrentado. Vem, brinca e vai embora. A letra apresentada é do Boi de Mamão do Ribeirão da Ilha, cidade de Florianópolis

c) O Cavalinho

É uma figura alegre e graciosa. Nos exercícios taurinos, o cavalo é o suporte de emergência com os touros e toureiros, retirando o boi de cena, laçando-o. A cantoria do cavalinho é feita no momento em que ele entra no salão para levar o boi embora.

Olha lá ginete te escute o meu cantar
Vai te preparando que eu vou te chamar (bis)
Olha lá ginete me presta atenção!
Já chegou a hora entre no salão (bis)
Esse meu cavalo ele já chegou,
Mas esta plateia já cumprimentou (bis)
Olha lá ginete escute meu cantar,
Prepara o teu laço pro nosso boi laçar (bis)
Olha lá ginete eu vou te mandar,
Bota o boi no laço e vamos apreciar (bis)
O boi esta no laço no meio do terreiro
Aguenta ginete junto com o vaqueiro (bis)
Olha lá ginete já chegou a hora,
Tás com o boi no laço, sai de porta fora (bis)
O boi foi embora, acabou-se a folia,
Fica com o gaitero e a cantoria (bis)

Este canto de cavalinho é do grupo de mamão do Itacorubi, da cidade de Florianópolis. A letra vai dando informações para o cavalinho, qual a ação a ser tomada até a saída do boi.

d) A cabrinha

Uma figura indispensável nas apresentações de boi de mamão. Dentro da cultura tauromáquica, a palavra Cabra, dá um significado de que o boi não é valente. Nas apresentações de bois, quando esse boi é posto na arena, o público grita “é cabra, é Cabra”, dando um significado de boi inofensivo. No folguedo do Boi de Mamão ela aparece como uma sátira para a valentia do boi.

O chamador dá início a apresentação da cabra

Oi minha gente dá licença
A cabrinha qué passa!
Tá entrando no salão
A cabrinha qué dança.

Vende cá minha cabrinha
É cabra, é cabra

Ela é um bicho brabo
É cabra, é cabra

Vem pro meio do salão,
É cabra, é cabra

Ta tomando o bonde errado,
É cabra, é cabra

Não tem nada pra comer,
É cabra, é cabra

Ta olhando pra mulher
É cabra, é cabra

Tô chamando o bicho cervo (se tiver o carneiro, cervo e ema)
É cabra, é cabra

Pra que venha acompanha,
É cabra, é cabra

Ele é muito delicado,
É cabra, é cabra

Ele come bananeira,
É cabra, é cabra

Ele é capaz de se mata,
É cabra, é cabra

Ele então fica doidinho,
É cabra, é cabra

Tira os bichos do salão,
É cabra, é cabra

Faz tua obrigação,
É cabra, é cabra

E a cabrinha vai embora E ela vai quando eu mandar!
É cabra, é cabra

E a cabrinha vai embora.... e a cabrinha vai embora

Na música da cabra, podemos observar que o cantador ou chamador orienta a apresentação da cabrinha. Se houver outros animais para a apresentação, é neste momento que eles aparecem. Esta música é do Boi de Mamão do Ribeirão da Ilha, cidade de Florianópolis.

e) A Bernunça

É a figuração do bicho papão que come ou engole a criança que não se comporta direito. Conforme relata Pereira (2010), existem inúmeros artigos e registros sobre essa figura chamada de Bernunça. Uma figura grotesca e demoníaca que ataca crianças não batizadas que, segundo o costume católico, essa proteção só virá com a celebração do batismo. No momento da afirmação da fé, que era proferida na língua latim, era necessário que os padrinhos respondessem a perguntas dirigidas a eles, a qual resposta era *abrenúncio*. Assim, para a expulsão do demônio, dos espíritos do mal e do bicho papão, ficou a denominação bernúncio.

O refrão deve ser cantado depois de cada estrofe:

(Refrão, cantado 2X)
Olê, olê, olê, olê, olá!
Arreda do caminho
Que a bernunça quer passar

Bernunça minha Bernunça,
Bernunça do coração
Bernunça minha Bernunça,
Vá entrando no salão.

Bernunça é bicho bravo,
 Nunca mordeu a ninguém
 Como poderá morder,
 Se ela dente não tem!

Ó senhor, dono da casa,
 Venha na porta da frente,
 Venha ver este bicho danado
 Que até engole gente

Estava lá dentro da casa,
 Quando vi falar em guerra
 Quando vi a bicharada,
 Que vinha descendo a serra!

Bernunça é bicho bravo,
 Que engoliu mané João,
 Come arroz como bolacha,
 Come até o seu Janjão!

Bernunça é bicho bravo,
 Que engoliu uma senhora,
 É por isso, que agora,
 A Bernunça vai embora!

Atenção, o meu senhor,
 Atenção, minha senhora,
 Com licença e seu favor,
 A Bernunça vai embora.

A música da Bernunça apresentada é do grupo Boi de Mamão do Ribeirão da Ilha, da cidade de Florianópolis. Temos no estado alguns grupos de Boi de Mamão que apresentam o nascimento da Bernuncinha. As crianças ficam esperando este momento para serem engolidas pela Bernunça.

A Figura 17 representa a Bernunça, que no séc. XIII, na região da Galícia, em algumas festas católicas com desfiles de ruas, aparece a figura da Coca (Figura 17), um monstro, um dragão que representa o demônio e o bicho papão, aquele que come crianças

Figura 17 – "Festa da Coca", celebração do Corpus Christi em Monção, Portugal



Fonte: Wikipedia (2023)⁴⁰

No estado de Santa Catarina podemos encontrar as mais diversas representações de Folguedo de Boi de Mamão. Cada grupo tem sua característica, montam seus bois conforme a sua região, levando figuras e elementos que identificam seus costumes, sua tradição.

As apresentações de Folguedo do Boi de Mamão são atrativas e importantes para as comunidades, trazendo momentos de alegria e ludicidade por onde passa, atraindo muitas pessoas das mais diversas idades e classe sociais.

Na apresentação de folguedo a felicidade é geral, a alegria é freneticamente exalada pelos presentes e, no final de cada apresentação, há os aplausos em forma de agradecimento do público para com o boi, e bravamente ecoa um Viva o Nosso Boi de Mamão!

⁴⁰ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Coca_\(folclore\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coca_(folclore)). Acesso em 27 out. 2023.

4 O BOI DE MAMÃO EM SÃO FRANCISCO DO SUL

Certa vez, em um bate papo em sala de aula, com alunos do ensino médio, no Instituto Federal Catarinense (IFC), campus São Francisco do Sul, quando falávamos da cultura da cidade, muitos alunos, empolgados relatavam suas experiências com o Folguedo do Boi de Mamão. O que instigou uma investigação sobre o esse tema. Para viabilizar esta pesquisa foi necessário reconhecer a região com base em documentos encontrados nas redes sociais e livros físicos.

Situada no litoral norte de Santa Catarina, São Francisco do Sul é uma das seis cidades banhadas pelas águas da baía Babitonga (Araquari, Balneário Barra do Sul, Garuva, Itapoá, Joinville e São Francisco do Sul), um sistema estuarino⁴¹ com rica biodiversidade, cercada por 24 ilhas e assegurando o acesso ao porto da cidade.

O Folguedo do Boi de Mamão é uma das manifestações folclóricas da cidade de São Francisco e é apresentado pela figura principal que é o Boi. Conforme Andrea de Oliveira (2012, p. 165), a cara dele possivelmente aqui no litoral catarinense tenha sido esculpida em um mamão verde e vem sofrendo algumas alterações até os dias de hoje.

A presença do Folguedo do Boi de Mamão na cidade de São Francisco do Sul aparece com a chegada da cultura ibérica, trazida por portugueses no ano de 1504 e espanhóis, no ano de 1553. Quando atracaram na cidade, esses europeus estavam à procura de uma rota alternativa para levar e trazer especiarias para a China. Quando chegaram, foram recebidos pelos índios Carijós, que já habitavam a ilha de São Francisco do Sul (Oliveira, 2012).

Assim, como acontece em todo o estado, em São Francisco do Sul não foi diferente. Antes de ser conhecido como Boi de Mamão, no centro da cidade de São Francisco do Sul, como relata Oliveira (2012), em seu livro *A Pa-lavra: entre o oral e o escrito*, que o Folguedo do Boi era conhecido como boi-na-vara.

Para falar sobre boi-na-vara, o livro *Bom para brincar, bom para comer*, Lacerda (2003), aborda o tema da Farra do Boi. Na página 33, quando fala sobre os *Usos do folclore: a farra do Boi*, essa prática comum de boi-na-vara é tratada como uma

⁴¹ São zonas de movimentação de nutrientes que vêm das terras, trazidos pelas chuvas e pelos rios, alcançando os mares. Os ecossistemas estuarinos podem conter diferentes habitats e são ricamente produtivos, proporcionando diversos serviços ecossistêmicos, os quais podem ser valorados. (UFPR – Ecologia e Conservação)

“brincadeira” trazida por colonizadores vindos do Arquipélago dos Açores.

Essa prática de brincar o boi, conforme registro no *Boletim de folclore nº 8* de junho de 1951, ocorria durante a Semana Santa por todo o litoral catarinense. Essa prática recebe outros nomes como: boi-no-campo, boi-no-mato, boi-no-aramé e a finalidade deste costume era fustigar⁴² o animal para depois matá-lo e dividir a carne entre os participantes, os quais faziam uma “vaquinha” para adquirir o animal exclusivamente para esta prática.

Na Revista Brasileira do Folclore Brasileiro, de Cascudo (1961), a palavra Boi-na-vara é o sinônimo de Farra do Boi, uma manifestação folclórica trazendo em seu contexto o boi, uma cultura que envolve esse animal, evento a partir do qual podem ter surgido o rodeio crioulo no Rio Grande do Sul, bem como as vaquejadas na região nordeste. Conforme a lei 12.567/2006, aprovada pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, o rodeio crioulo é um evento que envolve animais em atividades de montaria, provas de laço, gineteadas, pealo, chasque e outras provas típicas que avaliam a habilidade do homem e do animal. Enquanto as vaquejadas nordestinas, de acordo com Cascudo (1976), é uma atividade competitiva em que os vaqueiros montados em cavalos precisam derrubar o boi que é puxado pelo rabo de forma que ele caia entre duas faixas pintadas no chão.

Mesmo encarada como inofensiva, a “A Farra do Boi”, até os anos 80, foi julgada prática ilegal, mas, ainda assim, era vista como manifestação folclórica, classificada como folguedo popular (Cascudo, 1976). Depois dessa data, a prática passa a ser vista como selvageria, crueldade e tortura. O costume de correr e brincar com o boi no período da Semana Santa, passou a ser um objeto de conflito e polêmicas entre entidade de proteção animal e farristas. Jornais registraram episódios de brutalidade com os animais e ilustravam a necessidade de intervenções policiais, ações judiciais e manifestantes na tentativa de extinguir esse tipo de evento. Fernando Gabeira, no Jornal O Globo de 03 de março de 1988, escreve sobre a Farra do Boi fazendo um questionamento sobre a aplicação e função da prática como forma de manifestação folclórica. Nesta mesma matéria ele descreve a necessidade em procurar outras alternativas que continuassem com o folguedo de boi, mas sem gerar violência. Para Gabeira, ainda em seu artigo, a Farra do Boi é uma manifestação nada pacífica, é agressiva com morte de animais e muitas pessoas feridas.

⁴² Fustigar: chicotear, surrar, açoitar, flagelar, espancar, maltratar. Disponível em: www.dicio.com.br/fustigaras. Acesso em 20 de out. de 2023.

É importante entender que, nos locais onde hoje ocorrem as manifestações como, por exemplo, o Pau-de-fita, o Terno-de-reis, a Folia do divino, o Boi de Mamão, entre outras, as pessoas envolvidas são as mesmas que praticavam a Farra do Boi, ou seja, os farristas, (Lacerda, 2003, p. 80).

Farias (2001, p. 743) menciona que a possível chegada do Boi de Mamão na cidade de São Francisco do Sul se deu através do Boi-na-vara. Para complementar essa afirmação, Oliveira (2012, p. 165) afirma que a brincadeira do boi vem da Grécia antiga, da cultura greco-romana que aparece na Europa, mais especificamente na Península Ibérica entre Espanha e Portugal. Essa brincadeira é conhecida como boi-na-vara, brincadeira de correr atrás do boi, que ainda é praticada na Espanha e na Ilha Terceira. A brincadeira consiste em soltar o boi na rua e sair correndo atrás dele, atividade parecida como a farra de boi.

Registros sobre esta manifestação na cidade de São Francisco do Sul são poucos ou inexistentes. Encontramos alguns relatos em livros como de Oliveira (2012), Farias (2001), site da Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul⁴³, no facebook de grupos de boi de mamão da cidade, mais especificamente o boi de Mamão da Água Branca, Grupo Folclórico da Vila da Glória e Associação XXV de Dezembro.

Conforme Oliveira (2012), no Bairro Água Branca, na década dos anos 60, aparece a figura do Sr. Bichinho, um senhor vindo da cidade de Laguna para morar em São Francisco do Sul. Com o conhecimento de Carnaval trazido de Laguna, cria grupos de Carnaval como: As Dengosas da Água Branca e o Grupo Brinca Quem Pode. Também cria o Grupo de Boi de Mamão no bairro Água Branca.

A prática de brincar o boi era realizada no período de dezembro a fevereiro. Se brincava nesta data porque o folguedo do boi de mamão é considerado um auto, uma representação da morte e renascimento de Cristo, momento em que o boi, em sua apresentação, também passa por morte e ressurreição.

Ainda de acordo com Oliveira (2012), tal experiência com o Boi ocorreu nos anos 60, quando ainda criança. Nessa época, o boi era colocado em um curral, lugar grande e cercado, onde uma pessoa vestida de palhaço provocava o boi, enquanto o público, vibrava e torcia pelo palhaço.

⁴³ Fundação Cultural de São Francisco do Sul. Disponível em: <https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/1-historico-de-sao-francisco-do-sul> Acesso: em: 26 ago 2023

No livro *São Chico Velho de Guerra: memórias de um francisquense*, de Hilton Gorenzen (2009, p. 158), o autor faz um relato de brincadeira de boi na cidade de São Francisco do Sul. Um confronto entre dois bois de mamão: o boi do centro e o boi do Água Branca. O confronto entre os bois se dava quando apareciam no mesmo horário e lugar, disputando espaço. O boi do Acaraí era simples e pobre e utilizava instrumentos de percussão.

Os elementos do boi de mamão do Acaraí, já extinto, tinham a benzedeira que entrava para curar o boi e citava a seguinte benzedura: “Benzo este boi com uma folha de mamão, que o dono da casa dê um tanto na minha mão”; o doutor, que geralmente entrava bêbado (o bêbado aqui, representado pela forma de andar, falar, dificuldade de se equilibrar, desinibida), tentava curar o boi mas não conseguia; o cavalo marinho (representado por um cavalo) retira o boi da apresentação; os outros elementos entram para brincar na apresentação: a mulher alta, desengonçada chamada de Catarina e a Bernunça, que engolia as criancinhas. Como dito, os instrumentos musicais que utilizavam em suas apresentações eram de percussão, mas nos bois da região de Itajaí para baixo já apareciam instrumentos de corda, os harmônicos.

As apresentações de Folguedo de Boi de Mamão só eram permitidas após o dia 06 de janeiro, Dia de Reis, porque antes dessa data, tudo era reservado para o terno de reis, que ocorria até Quarta-Feira de Cinzas

Além do Boi de Mamão do Acaraí, outros bois deixam ou deixaram suas marcas na cidade como: Boi de Mamão da Água Branca; do Morro do Klaus (conhecido também como Morro do Rasga Saia), e o Boi do Paulas; o Grupo XXV de Dezembro e o Boi da Praia Bonita na Vila da Glória.

No livro de Oliveira (2012, p. 166), *A Pa-Lavra: entre o oral e a escrita*, encontramos a letra de música utilizada pelo boi de Mamão do Acaraí.

Minha cantoria ta chegando
Ta chegando agora
De bandeira branca
Bandeira de nossa senhora

Levanta pintado e boi
Levanta do chão
E boi
E boi

O meu boi é gordinho
É parente do nininho

Meu boi é valente
É irmão do tenente

O seu Dr.
O meu boi morreu

Cura o bichinho
Cura por favor
Porque ele adoeceu

Catarina veio de Montevideu
Marinheiro trouxe dentro do chapéu
Rebola Catarina aí
Ela tem catanga de sovaco

Catarina ai,
Catarina ai

Dança meu dindinho
Dança meu vovô
Vovô é homem velho
E cara de namorador

Ai meu cavalo marinho
Me leva para ver o mar

Cadê sua mulher
Foi tomar banho no rio
Foi se embora com a maré

Dança meu bichinho
Dança bicharada
Dança meus bichinhos
No meio dessa moçada.

4.1 O BOI DE MAMÃO DA PRAIA BONITA - VILA DA GLÓRIA

Folclore Boi de Mamão da Praia Bonita⁴⁴ ocorre na Vila da Glória, distrito do Saí. Apesar de estar no município de São Francisco do Sul, o distrito do Saí (Figura 18) está separado da cidade pela baía Babitonga (Figura 19). Esse distrito é composto por várias localidades como Vila da Glória, Ilha Alvarenga, Praia Bonita, Estaleiro, Frias, Ramos, Torno dos Pintos, Caeté, Lamin, Ilha da Rita e Saí Mirim.

⁴⁴ Folclore Boi de Mamão da Praia Bonita. Apresentação Vila da Glória- Distrito do Saí. 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/boidemamaodapraia bonita> Acesso em: 26 ago 2023

Figura 18 – Distrito do Saí



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 19 – Localização de São Francisco do Sul



Fonte: Elaborado pela autora

O acesso entre o Distrito e a cidade, é realizado via Ferryboat⁴⁵, na localidade de Laranjeiras, por lanchas que saem do trapiche do Centro Histórico ou ainda por

⁴⁵ Barco reforçado para o transporte de veículos e passageiros entre as margens de um rio ou para trechos marítimos curtos.

estradas dos municípios de Itapoá, Garuva e, Joinville de onde também parte um Ferryboat (Lima; Ferrari; Guedes, 2015, p, 95).

Conforme os escritores acima (2015), além da biodiversidade encontrada na região, o Distrito do Saí se diversifica também pelo Patrimônio Cultural com seus engenhos em ruínas, ligados às práticas de economia como o fazer da farinha de mandioca; as igrejas espalhadas pelos centros destas comunidades, com destaque a à Igreja de Nossa Senhora da Glória do Saí de 1917, no centro da Vila da Glória. Também há registros de outros patrimônios em destaque como a pesca artesanal e a construção de canoas.

A Ilha da Rita, com sua importância histórica, que durante a 2ª Guerra Mundial foi utilizada como base naval, um ponto de abastecimento de água potável, carvão e óleo para os navios que por ali trafegavam. Muito conhecida, mas pouco visitada, está fechada para visitaçãõ desde o ano de 1999.

O Distrito do Saí, acolhe também o Folclore Boi de Mamão da Praia Bonita na Vila da Glória, um grupo liderado pelo Sr. Clarel Falcão Lopes, filho de Crispim (Figura 20), um velho conhecido pela Vila da Glória. Crispim fundou o bloco de Carnaval do Saco Grande, primeiro nome dado à Praia Bonita, na Vila da Glória. Família de músicos, sempre envolvida com o folclore.

Figura 20 – Notícia de Jornal⁴⁶

Fonte: Facebook (2022)

No Jornal Nossa Ilha⁴⁷, conseguimos alguma informação sobre o Folguedo do Boi de Mamão da Vila da Glória.

No Anexo 1 deste trabalho, pode-se encontrar a história do Boi de Mamão da Vila da Glória e neste texto, através da narrativa do Sr. Clarel, nota-se o apreço e o carinho pelo folguedo. Quando ele afirma que “Existe a genética familiar que faz com que a gente memorize desde criança o que nossos avós, pai, mãe viviam, gostavam, faziam e participavam; como também meus tios, primos da mesma forma”. O senhor Clarel está nos mostrando que o folguedo que ele traz hoje para encantar o público, foi aquela brincadeira que aprendeu na sua família e o exercício de memorizar a forma de fazer, apresentar, herança herdada de seus tataravós, aquilo que aprendeu no meio familiar, repassa a seus familiares, prova disso é quando ele coloca que “Bastou um simples convite aos parentes, imediatamente aderiram a ideia e assim se iniciou uma nova fase de reativação do nosso folclore Boi de Mamão na praia bonita”.

Nota-se que, por algum tempo, o Folguedo do Boi de Mamão ficou ausente na

⁴⁶ Sr. Crispim, morador da Vila da Glória e criador de Grupos carnavalescos e Boi de Mamão.

⁴⁷ Disponível em: www.jornalnossailha.com.br

vida do Sr. Clarel, que viveu até seus 14 anos de idade na Vila da Glória e, em seguida, mudou-se para a cidade de São Francisco do Sul, na ilha, para poder estudar. E quando retornou a esse seu espaço de infância, em 2016, na praia Bonita, a vontade e o desejo de reviver o folclore do Boi de Mamão foi um sonho de se realizar.

No momento, o Boi de Mamão do Sr. Clarel está em repouso, pelo período de recuperação do seu criador, que recentemente necessitou de acompanhamentos médicos e tratamento de saúde e que, em breve voltará, para animar a Vila com todo entusiasmo que aflora em suas veias em brincar o boi.

Em relatos encontrados, as apresentações do Boi de Mamão aconteciam depois do Natal, até o Carnaval. Aconteciam as apresentações nas casas que eram convidadas. Chegando lá, eram oferecidas bebidas e comidas aos integrantes do grupo, e ficavam até altas horas fazendo essas apresentações. Essa tradição de visita de casa em casa continua nos dias de hoje com o tradicional terno de reis. Hoje as apresentações são realizadas nas festas das cidades, instituições educacionais, festas religiosas e em outros municípios para os quais são convidados.

A forma de se brincar o boi, conforme Sr. Clarel, sempre foi da maneira que ele vivencia até os dias de hoje. Construam o boi com bambu, por ser mais leve, cobriam com pano e pegavam uma cara, ossada, caveira de um animal e construam o boi. Nas apresentações de boi de antigamente, o boi, a Bernunça, o corvo, o leão, a cabrinha estavam sempre presentes e cada pessoa que fazia parte do grupo tinha sua figura para representar.

No grupo Folclore do Boi de Mamão da Vila da Glória, acredita-se que a Bernunça era uma personagem que se alimentava de animais que atravessavam o rio, motivo pelo qual possuía uma boca parecida com a de um jacaré. Por outro lado, também houve a crença de que a Bernunça possa ter sido inspirada em um dragão chinês, algo considerado improvável, visto que não temos muitos descendentes de chineses em nossa região.

Há algumas dificuldades em montar o boi de mamão da Vila da Glória. Uma delas é encontrar a madeira certa, parecida com o bambu que, ao ser lapidada possa dar conforto em contato com o corpo.

O Sr. Clarel, teve grande participação no Grupo Apolo Jovem (Figura 21), nos anos 60. Animava os bailes da cidade e redondeza nos fins de semana. Sua família, seguindo os passos do pai e avô, não deixou a música de lado. As composições musicais que fazem parte do Folclore Boi de Mamão da Praia Bonita foram compostas

pelo criador do grupo. Além das músicas que o grupo utiliza em suas apresentações, há outras homenageando o Distrito do Saí.

Figura 21 – Grupo Musical Apolo Jovem



Fonte: Facebook (2022)

O grupo inicia sua apresentação com a entrada do Cacique e as Daminhas ao som da marchinha de Carnaval da Praia Bonita, que teve a participação na composição de seu pai o Sr. Crispim. Logo em seguida vem o Boi

Vaqueiro traga esse Boi, não me queira demorar...
vem cá meu boi, vem cá meu boi;

Venha devagarinho, vem bem de mansinho,
meu boi vem dançar. (repete)...

A música que anima o boi e a plateia, continua:

Venha cá meu boizinho...
é boi!

Esse boi é malhado...
é boi!

Esse bicho é brabo...
é boi!

Esse boi é pixica...
é boi!

É da praia bonita...
é boi!

Ele é boi de mamão...

é boi!

Ele brinca no chão...

é boi!

É beleza pura...

é boi!

É a nossa cultura...

é boi!

De tanto pular e dançar, o boi morre de cansaço. Para anunciar que o boi morreu, é cantado esse verso:

O meu boi morreu,
o que será de mim,
vou buscar um outro maninho
lá no Sai Mirim...

Depois que o boi morre, sem saber o que fazer, são chamados o doutor e a benzedeira para curá-lo. Nesse momento, entram o urubu e o cachorrinho. O urubu tem a função de picar o boi, e o cachorro tem a função de espantar o urubu, preservar o animal, mesmo morto. Mas, com o doutor e a benzedeira, o boi é curado.

Agora curado e rodopiando de novo, vem o cavalo-marinho para laçá-lo e retirá-lo da brincadeira.

Cavalo Marinho, ele vem do mar, ele vem do mar oh, oh, oh, o meu cavalo!

Venha cá meu cavalo...

Ele vem do mar!

Laça logo esse boi...

Ele vem do mar!

Não me deixa escapar...

Ele vem do mar!

Não me erra o laço...

Ele vem do mar!

O boi vai te chifrar...

Ele vem do mar!

Joga logo esse laço...

Ele vem do mar!

Não me deixa escapar...

Ele vem do mar!

Depois que o boi é recolhido, entra em cena a cabrinha pulando e rodopiando, não para quieta. Quando ela se apresenta, há uma música especial para esse momento:

Venha cá minha Cabrinha...
Vem pra cá dançar gostoso.

Vem pra cá minha cabrita...
Vem dançar pra esse povo.

Esse bicho é ligeiro...
É cabra é cabra

Sai da frente João...
É cabra é cabra

Ela te bota no chão...
É cabra é cabra

Sai da frente seu Zé...
Ela te chifre no pé

Logo em seguida entra o Urso. Na letra da música conseguimos identificar que o animal que se apresenta faz parte de uma região litorânea pela sua alimentação, usando palavras como ursinho, sentido de carinho, estimação, um animal bonzinho e brincalhão.

O nosso Urso já não come mais Salmão,
O nosso Urso é tratado a berbigão

O nosso Urso já não come mais Salmão,
O nosso Urso é tratado a Camarão

Vem pra cá meu Ursinho...
É urso é urso

Meu Ursinho pretinho...
É urso é urso

Ele é muito bonitinho...
É urso é urso

Uma curiosidade no boi de mamão da Vila da Glória, a Bernunça é chamada de tubarão, talvez pela localização, próxima ao mar. Até o momento, outro grupo de

Boi de Mamão que utilize a palavra “Tubarão” para nomear a Bernunça não foi identificado. A música do tubarão, no entanto, fala em Bernunça.

(Refrão)
Olê, olê, olê, olá
Arreda do caminho que a Bernuncia quer passar....

Sai da frente, da frente desse bicho,
Sai correndo vai pra longe,
Pelo jeito que eu tô vendo
Esse bicho tá com fome....

(Refrão)

No Grupo Folclore do Boi de Mamão da Praia Bonita, encontramos o vovô (Figura 22) e a Maricota (Figura 23), personagens que entram em cena representando os moradores da Praia Bonita, pessoas alegres, faceiras e bonitas, como é descrito na letra da música

Entra o Vovô:

Dança vovô, dança vovô!
Vovô dança e agita é filho da Praia Bonita.... (Refrão)
Vovô é da Praia Bonita
Vovô é daqui da vila
Quando ele está dançando, todo povo se agita...
Vovô é gente boa pois é disso que ele gosta
Vovô já quer dançar com a linda Maricota.

Aí, Entra a Maricota:

Dança Maricota, dança Maricota,
Maricota dança e agita é filha da Praia Bonita!
Maricota é faceira, Maricota é popular,
Ela vive fofocando, todo povo do lugar...
Maricota é lindona,
Maricota é gatona,
Tem gente que confundi Maricota com Madona...

Quando a apresentação é finalizada, todos são convidados a voltar ao centro da brincadeira para encerrar com a marchinha da Praia Bonita, marca registrada da localidade.

Como forma de registro, apresentamos algumas fotos a seguir, conforme

Figuras 22, 23, 24 e 25.

Figura 22 – Vovô - Folclore do Boi de Mamão da Praia Bonita



Fonte: Facebook (2022)

Figura 23 – Maricota do Folclore do Boi de Mamão da Praia Bonita



Fonte: Facebook (2022)

Figura 24 – O Boi de Mamão da Praia Bonita



Fonte: Facebook (2022)

Figura 25 – O Boi de Mamão da Praia Bonita



Fonte: Facebook (2018)

4.2 O BOI DE MAMÃO DA XXV DE DEZEMBRO

Associação Folclórica XXV de Dezembro tem como Presidente o Sr. Carlos Alberto Alves. A Associação, tem por objetivo divulgar, ensinar e partilhar a cultura local com a Dança do Vilão, Boi de Mamão, Pau de fita, Terno de Reis, Dança do Arco, Quadrilha Caipira, Pastorinha e tantas outras manifestações folclóricas açorianas⁴⁸.

No ano de 2009 foi elaborado o estatuto da Associação que somente no ano de 2019, 10 anos depois, foi aprovado. Importante destacar que a Associação não está vinculada ao Clube XXV de Dezembro.

O presidente, também conhecido como Tiziu, faz parte do grupo de boi de mamão desde quando ainda era criança. Sua paixão e envolvimento com o boi vem de seu pai, que o ensinou e o motivou, levando-o a participar das manifestações folclóricas da comunidade, conhecida como Morro Grande.

O Boi de Mamão do XXV de Dezembro (Figura 26), traz em seu conjunto figuras que representam a região. Faz parte:

- a **mandioca** (Figura 27), considerada representante dos indígenas da região, os primeiros moradores e também para representar os primeiros colonizadores europeus, com seus engenhos de farinha de mandioca e biju;

- o **Boi de Mamão**, não pode ficar de fora, afinal, ele o boi de mamão é a peça principal do folguedo;

- o **cavalo-marinho**, assim chamado o cavalo e seu cavaleiro com a função de

⁴⁸Disponível em: <https://www.diariocidade.com/sc/sao-francisco-do-sul/guia/iep-09219754000101/>

retirar o boi da brincadeira;

- a **onça**, representando os animais da mata brasileira, um animal em extinção;
- o **barão** que é a Bernunça;
- o **vovô e a vovó**, representando os moradores da cidade;
- o **cabritinho**, hoje não é mais peça que faz parte do boi de mamão do XXV

de dezembro.

Figura 26 – Elementos do Boi do XXV de Dezembro



Fonte: Facebook (2022)

As apresentações sempre foram alegres e divertidas, sem deixar de ter presente um pouco do medo, ser assustador, representado nas figuras brincantes como a onça.

Boi de Mamão de antigamente era construído com a estrutura de bambu e era coberto de uma esteira de Peri⁴⁹. Atualmente, na estrutura do boi, assim como dos outros elementos que são utilizados nas apresentações, é utilizado material mais moderno, leve e muito mais bonito como a fibra de vidro. Esses animais são encomendados e, depois de prontos, a função do grupo é fazer a ornamentação, utilizando panos coloridos ou não, a depender do animal em questão.

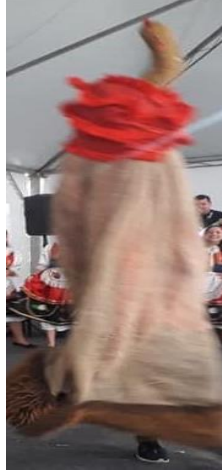
Antigamente, era utilizada a cabeça do animal que, depois de pintada, era deixada para secar. Com a chegada de novos materiais, o Boi de Mamão foi mudando sua confecção, contemplando materiais leves, e permitindo que o dançador, pessoa

⁴⁹ Esteira de Peri – É uma planta palustre da família das ciperáceas, que ocorre do México à Argentina. Suas folhas e caule são utilizados no fabrico de esteiras, produzem fibra semelhante à do linho e fornecem celulose de ótima qualidade. Também é chamada de capim-de-esteira, periperi, periperiaçu, pipiri, piri e tabira. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Piripiri>

que fica embaixo ou dentro do animal, dê mais vida ao dançar com mais ginga.

A onça utiliza espuma e tecido, o que facilita o transporte e o brincar. Para a confecção do vovô, arcos de barril foram utilizados para dar o formato. Hoje utiliza-se a madeira. No cavalinho era utilizado um galho de goiabeira, ideal para dar o formato do pescoço.

Figura 27 – Mandioca, elemento utilizado nas apresentações do Boi de Mamão



Fonte: Facebook (2022)

O grupo de Boi de Mamão do XXV de Dezembro, é composto por pessoas da comunidade, geralmente as que já brincaram o boi de mamão. Os jovens, até uma certa idade, gostam de participar, mas, por causa dos estudos, trabalho, e outros compromissos, encontram maior dificuldade para fazer suas apresentações.

Um dos objetivos da Associação é levar o folclore e a cultura açoriana adiante. Para isso, é necessário o envolvimento de outras pessoas, principalmente os jovens, dando oportunidade para que possam vivenciar o folclore e, talvez, por meio dessas ações, motivá-los a participar do movimento. Tendo em mente esse objetivo, o projeto para a divulgação do folclore com danças, jogos e folguedo faz apresentações em escolas, principalmente as infantis, tanto localmente quanto nas cidades vizinhas.

Atualmente, o grupo não conta com apoio financeiro do governo, depende de algumas empresas parceiras, que patrocinam suas apresentações e por meio de rifas, bingo e “vaquinhas”. A dificuldade de conseguir recursos fora do grupo, sem ter uma documentação que confirme e dê sustentabilidade e credibilidade fica mais difícil de concorrer a recursos disponibilizados pelos governos municipal, estadual ou federal. Com a criação da Associação, a esperança de conseguir a ajuda necessária para se manter é uma expectativa que cresce a cada dia, mas para conseguir esses recursos,

reunir a papelada é um desafio.

As músicas que o Grupo Folclórico XXV de Dezembro Boi de Mamão cantam durante suas apresentações são de improvisação, precisam de um mestre, como é chamado a pessoa que puxa o canto e faz as rimas, a improvisação.

5 O BOI DE MAMÃO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Vamos moreninha,
vamos até lá
Vamos lá na Vila,
ver meu boi brincar...

Assim começa a cantoria de Boi de Mamão, e eu ouvi ela me chamar. É como se fosse um grito ecoando em meu ouvido, me chamando para estudar, brincar, conhecer o folgado e depois divulgar, espalhar sementinhas ao vento para que germine e floresça, não deixando o Boi de Mamão morrer.

Formada pela Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ), hoje Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), no ano de 1992, no curso de Educação Artística, não me engajei em primeiro momento na área da educação. Outros caminhos se cruzaram em minha jornada de vida. Passei por outros experimentos como empreendedora, e ali aprendi que a criatividade e organização são necessários para se obter um pequeno sucesso. Depois de alguns anos, 18 anos mais precisamente, meu coração e minha vontade de trabalhar na área da educação foram mais fortes. E assim, se deu início a mais um momento de recompensas e vitórias em minha vida.

Minha jornada em sala de aula não é muito longa, mas já realizei e acredito que plantei muitas sementinhas de cultura popular em pequenos e jovens estudantes das escolas pelas quais tive a oportunidade de passar. Tudo começou quando fui contratada como professora de artes na escola Municipal Hilda Anna Krisch, na cidade de Joinville, Santa Catarina. Ali permaneci por 1 ano e 8 meses (08/08/2009 a 01/04/2011). Esse foi meu primeiro contato direto com o aluno e com a arte.

Esse contato com a arte me levou a realizar vários projetos de ensino e um deles era justamente a cultura popular. Para dar início ao projeto sobre cultura popular, trabalho realizado no ensino fundamental I e II, alunos de 1º ao 9º ano, procurei informações sobre costumes catarinenses e o que os alunos conheciam sobre folclore. Essa palavra todos conheciam, então começamos por ali. Como tarefa, a sala dividida em equipes deveriam fazer uma pesquisa e trazer algumas definições sobre folclore e cultura popular.

Na busca por estudiosos a respeito do folclore brasileiro, encontramos autores como Lima (2003) que é historiador e folclorista brasileiro, em seu livro *Abecê de*

Folclore, definiu folclore como tudo que resulta do pensamento, sentimento e ação de um povo, mesmo que tenha as influências das intelectualidades, não se transforma, é genuíno. Pode ter uma adaptação, pois esses conceitos passam pela imitação, o que se herda de seus antepassados, assim, o folclore teria a liberdade de transitar pelos grupos da comunidade de forma livre, independente de sua classe social.

Cascudo (1942) reafirmou a ideia de que o folclore é a única ciência dentro das comprovações, que demonstra de forma positiva o ser humano como um processo de criação e difusão universal, como um todo. É persistente, está vivo e permanece vivo até os dias de hoje, não é mito, são fatos históricos reais e por isso ainda é conservado o ato de fazer, representar, falar. Para Pereira (2010), ao abordar o folclore, diz que há diferentes tipos de folclore. O folclórico é aquele que estuda o fato folclórico tendo como ferramenta a pesquisa científica; o folclorista ou folclorista aquele que produz o folclore ou designa como ciência autônoma.

Soares (2006, p. 13), define folclore como sendo uma ciência de estudos sócio/antropológico que provoca profundo envolvimento dos que a ele se dedicam, possibilitando identificar os costumes populares com o aprendizado e a transferência de saberes e conhecimento independentes da classe social. Barros (2021, p. 220), menciona que no ano de 1951, no 1º Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, buscou aprofundar discussões sobre as dificuldades que o movimento folclorista encontra quando fala sobre esse tema. Aproveitar a oportunidade para fazer uma atualização integrando o folclore como parte das ciências antropológicas e culturais. Na ocasião, definir maneiras de pensar, sentir e agir de um grupo social constituem como fato folclórico, desde que esses sejam preservados pela tradição popular, que não tenham influências de religião ou ideias filosóficas. É necessário que tenha fundamento tradicional e que suas características sejam respeitadas de forma coletiva.

Após estes conhecimentos e estudos construídos, ao retornar à sala de aula, realizamos um bate papo, uma conversa sobre o que foi pesquisado. Muitos se surpreenderam com o resultado. Muitos deles com sua dedicação, se superaram em suas apresentações trazendo ilustrações, histórias e lendas contadas por seus familiares. Com esta contribuição, as aulas fluíram conforme o esperado. Das mais diversas lendas brasileiras encontradas nos livros, escolhemos três lendas: A do Saci Pererê, do Boitatá e da Cuca.

A lenda do Boitatá (Figura 28) foi escrita com muitas versões e a mais

conhecida é a do folclore gaúcho, que Costa (2005) traz de forma simples em seu livro *Os Grandes Contos Populares do Mundo*, que assim escreve:

Conta a lenda que em um tempo muito distante houve uma noite muito comprida e todos diziam que nunca mais haveria luz do dia. Os homens viviam tristes, sem poder fazer um bom churrasco. Naquela escuridão toda, nenhum homem seria capaz de cruzar o campo, bater em outra porta. E a noite velha ia andando...andando... E o silêncio se fazia presente, de vez em quando ouvia-se um canto de bicho que furava o ar silencioso. E os homens iam se amontoando ao redor do fogo que coloria a escuridão com seu avermelhado das brasas e o silêncio continuava, não tinha movimento de nada, tudo quieto. A última tarde de sol que houve, neste dia desabou uma chuvarada tremenda, durou muito tempo, muitos dias. Os campos inundaram, os lagos e rios transbordaram, tudo ficou alagado, coberto pela água e no alto da montanha ficou a bicharada, todos misturados, terneiros e pumas, perdizes e guaraxains, tudo amigo o medo era maior. E então... nas copas mais altas dos butiás as formigas e cobras se aninhavam e lá embaixo boiava os ratões e outros animais miúdos. A água tomou conta de tudo, entrou nas tocas e invadiu também a toca da grande cobra que dormia a muitas e muitas luas, ali quietinha. Assustada com a água acordou e saiu rabeando igual a uma louca. Despertada e com fome começou a comer tudo o que encontrava, a carniça. Mas gostava mesmo era dos olhos e então só os olhos ela comia. Com o tempo a água baixou. A cobra grande chamada de boiguaçu se alimentava primeiro de punhado, depois em porções, depois um bocadão e por último como braçadas. A boiguaçu não tinha pelos como boi, nem escamas como peixe, nem penas como avestruz, nem casca como tatu e com o tempo e por comer tantos olhos seu corpo foi ficando transparente que virou uma luz só. Quando os homens encontraram a cobra grande não a reconheceram, de tanta luz que vinha dela e deram o nome de boitatá, cobra de fogo, tatá de fogo. Nas noites seguintes, o téu-téu – quero-quero, cantava quando a boitatá se aproximava, era o vigia da noite. Algum tempo depois a boitatá morreu de fraqueza, porque os olhos enchiam o corpo, mas não davam a sustância. Foi assim que ela morreu, e a luz que estava presa começou a despontar, primeiro veio as estrelas, e logo em seguida surge uma luz, que vai subindo, subindo, subindo e clareia tudo, pronto está feito o dia e a noite. Assim como tudo que morre volta ao seu lugar, lá na terra, debaixo dela está a boitatá, sozinha. No inverno dorme, talvez entocada, mas quando chega o verão depois daquele mormaço, começa então seu fadário, seu destino. A boitatá toda enroscada, sai de sua toca e corre pelo campo para baixo, para cima, rola, gira, corcoveia depois se despenca no chão e se apaga e quando menos se espera, lá vem ela de novo. Quem encontrar a boitatá pode até ficar cego, para se livrar dela é só ficar parado e fechar os olhos, quietinho e sem respirar e logo ela vai embora. (Costa, 2005, p. 62).

De acordo com Flores (2022, p. 3), no folclore catarinense, Franklin Cascaes define a boitatá na língua tupi que significa cobra de fogo, protetora dos campos. Era dominada por Jacy, a mãe dos vegetais. Cascaes tem uma série de boitatás, aproximadamente 30, que chama de Boitatarina. Quando fez o desenho em bico de pena desses seres mitológicos, a cidade de Florianópolis passava por reformas no centro urbano, nas décadas de 1960 e 1970. A criação de um ser mitológico foi utilizada para expressar um discurso ecológico, e ficou disposto em locais vulneráveis à exploração, funcionando como defensores das matas nativas, sambaquis, praias, mangues e dunas da cidade.

Figura 28 – Boitatá



Fonte: Youtube⁵⁰

Outra lenda utilizada nas aulas foi a da cuca. Para Ferrari e Foschiera (2018, p. 231), em seu artigo sobre *As Origens da Cuca de Monteiro Lobato: uma aproximação entre Egito, Portugal e Brasil*, publicado na XX Semana de Letras da UFPR, define a Cuca na seguinte forma:

A Cuca ou a Coca é um ente velho, muito feio, desgrenhado, que aparece

⁵⁰ Criada pelo artista Franklin Cascaes, depois de documentar as histórias contadas pelos nativos da Ilha de Florianópolis-SC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=b4LIDFYTXc> . Acesso em 11 out. 2023.

durante a noite para levar consigo os meninos inquietos, insones ou faladores. Para muitos a Coca ou Cuca é apenas uma ameaça de perigo informe. Amedronta pela deformidade. Não sabe como seja o fantasma. A maioria, porém, identifica-a como uma velha, bem velha, enrugada, de cabelos brancos, magríssima, corcunda e sempre ávida pelas crianças que não querem dormir cedo e fazem barulho. É um fantasma noturno. Figura em todo o Brasil nas canções de ninar. Não há sobre ele episódios nem localizações. Está em toda a parte, mas nunca se disse quem carregou e como o faz. Conduz a criança num saco. Leva nos braços. Some-se imediatamente depois de fazer a presa. Pertence ao ciclo dos pavores infantis que a Noite traz.

Cuca ou Coca, conforme os autores acima, é um dragão que causava espanto para as crianças nas comemorações de Corpus Christi. Estas características acima descritas lembram daquela música que nós escutamos quando criança: “Nana neném, que a cuca vem pegar, papai foi na roça, mamãe foi trabalhar”.

Monteiro Lobato, se apropriando destas características, de uma velha enrugada, corcunda e corre atrás de crianças que não dormem, constrói sua personagem: um jacaré usando peruca de cabelos loiros e compridos. As unhas enormes, uma bruxa má e cruel, sempre tentando invadir o sítio. A Cuca (Figura 29) faz parte do folclore brasileiro junto com outros personagens de Monteiro Lobato como o Saci Pererê.

Figura 29 – Cuca do Sítio do Pica-pau amarelo - Monteiro Lobato (1977)



Fonte: Youtube⁵¹

A Cuca, do Sítio do Pica-pau Amarelo, como é conhecida hoje, depois de ser personagem em livros infantis de sucesso, escritos por Monteiro Lobato entre os anos de 1920 a 1947, um total de 23 livros, devido ao sucesso entre crianças e adolescentes dessa época, a TV Tupi lança a série, o Sítio do Pica Pau Amarelo, que

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-J86vvYGnHA>. Acesso em 11 out. 2023

contava as mais diversas histórias e aventuras no sítio.

Mesmo levados às redes de televisão os personagens criados por Lobato, a Cuca não perde suas características de bruxa má, aquela que assusta as crianças que não dormem. Desta forma, quando pensamos em Cuca, já lembramos daquele Jacaré de cabelos loiros do Sítio do Pica-pau Amarelo.

O sítio está situado na cidade de Monteiro Lobato (SP), no vale do Paraíba, na fazenda Buquira, pertencente ao seu avô. Ali foi onde se inspirou para escrever seus livros (MEC - Guia do ENEM, 2019⁵²).

Depois de alguns estudos, os grupos apresentaram seus relatos. Aproveitando a atenção dos alunos, realizei a leitura e a interpretação das lendas. A aula fluiu de forma positiva e atrativa, pois as crianças gostam de ouvir história e lendas sobre seres mitológicos e algumas já tinham esse contato em casa. Foram observados, nas apresentações feitas, relatos em que família realizam a contação de histórias ou de lendas no dia a dia, aquelas contadas e repassadas através de gerações.

Sem perder o foco no folclore, construímos o Boitatá com rolinhos de papel higiênico, barbante e tinta guache. Para cada Boitatá a ser construído utilizamos 5 rolos de papel higiênico e as cores utilizadas foram vermelho e amarelo para lembrar do fogo, pois boitatá é uma bola de fogo. Depois de prontos nossos boitatás (Figura 30), realizamos uma exposição para que todos da escola pudessem ter a oportunidade de conhecer essa lenda também.

Figura 30 – Boitatá de rolos de papel



⁵² Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/lenda-da-cuca>

Fonte: Arquivo pessoal⁵³

A Cuca (Figura 31) foi construída utilizando materiais de reaproveitamento como potes de sorvete, EVA, cola, tinta PVC e garrafa PET de 600 ml (a de Coca-Cola fica melhor). As fotos utilizadas foram feitas por mim, durante a execução da atividade, realizadas no ano de 2010 na Escola Municipal Enfermeira Hilda Anna Krisch, localizada no bairro Jardim Iriú na cidade de Joinville, Santa Catarina.

Figura 31 – Cuca construída com materiais reutilizáveis



Fonte: Arquivo pessoal⁵⁴

Para o ensino fundamental II, na mesma escola, os personagens foram outros. Trabalhei o folclore de Santa Catarina, mais especificamente o Boi de Mamão. Da mesma forma que iniciei com o Ensino Fundamental I, trabalhei com o Fundamental II. Iniciei nossa conversa e falamos sobre as manifestações culturais do Estado. O que eles conheciam: as festas, danças, chás, palavras usadas em determinadas regiões, as construções, aqui como exemplo as casas enxaimel. Como tarefa deveriam procurar em casa em conversa com os pais, avós, tios, seus familiares para saber como eram as brincadeiras e festas no tempo deles; pesquisarem o que tínhamos falado em sala de aula. Na aula seguinte apresentariam suas pesquisas para a sala.

Na semana seguinte, como combinado, na aula fizemos uma roda de conversa, e foi um agito só. Depois que apresentaram suas histórias, perguntei quem conhecia

⁵³ Boitatá construído com rolinhos de papel higiênico – Escola Municipal Hilda Anna Krisch – Joinville – 2010.

⁵⁴ Cuca construída na Escola Municipal Hilda Anna Krisch – 2010.

o Folguedo do Boi de Mamão. Muitos dos alunos não conheciam, visto que não é tradição na cidade de Joinville. Em algumas escolas da cidade, no mês de agosto, quando comemoramos o folclore, pode ser encontrada alguma manifestação folclórica e entre elas pode aparecer o Folguedo do Boi de Mamão. Dessa forma é que aparece o contato com o Folguedo.

Conforme O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) Folguedo é uma manifestação coletiva que tem em sua composição o drama, a música e a coreografia. Podemos identificar um folguedo quando aparecem com trajes especiais, personagens específicos, o drama surge como forma de improviso e, muitas vezes, as apresentações ocorrem nas ruas e praças públicas⁵⁵.

Baseada nesta definição, conseguimos ver que o Folguedo é uma manifestação folclórica, e o Boi de mamão traz essas representações: o dramático, na morte e ressurreição do boi; a música que envolve e apresenta seus elementos; e a coreografia apresentada pelos grupos de Boi de Mamão na dança dos personagens. Cavalcanti (2004, p. 57) menciona que para Mário de Andrade, as danças dramáticas são divididas em partes bem distintas: o cortejo que é caracterizado de forma a permitirem que os dançadores se locomovem e apareçam conforme são chamados e a apresentação é realizada dentro de círculo, geralmente formado por pessoas em espaços que pode ser em uma sala, tablado, pátio, em frente a uma casa ou igreja.

Baseado na fala de Andrade e na definição de Folguedo pelo CNFCP, as manifestações folclóricas, como o Boi de Mamão, têm em suas apresentações as danças dramáticas baseadas nos enredos criados por cada grupo que se apresenta. Esses enredos e a música têm embasamento da sua região de criação. Temos grupos do Folguedo do Boi de Mamão que apresenta em seu enredo músicas com bruxas e também o elemento físico “bruxa”. Cascaes (2015), em seu livro “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina” traz várias histórias apresentando a bruxa. Das histórias escritas por Cascaes sobre bruxas, a mais conhecida é do Balanço Bruxólico, que está na página 31 de seu livro.

O Folguedo de Boi é uma manifestação presente em quase todos os estados do Brasil. Encontramos Bois no Amazonas, conhecido como Boi Bumbá, no Maranhão o Bumba meu Boi e em Santa Catarina e Paraná é conhecido como Boi de Mamão. No mapa abaixo (Figura 32) podemos verificar como o boi se faz presente e como é

⁵⁵ cnfcp.gov.br

conhecido no país.

Figura 32 – Brasil e os Folguedos de Boi



Fonte: Elaborado pela autora

No Estado de Santa Catarina, principalmente no litoral, a concentração e a manifestação deste folguedo é mais presente. Conforme já mencionado neste estudo, de acordo com a Fundação Franklin Cascaes existem 11 grupos de Bois de Mamão na cidade de Florianópolis, onde a manifestação já é reconhecida como Patrimônio Imaterial pelo decreto lei nº 20.629 de 26 de agosto de 2019 (Prefeitura de Florianópolis, 2019).

No mapa abaixo (Figura 33), conseguimos ver alguns grupos do Folguedo do Boi de Mamão no estado. Alguns bem conhecidos, outros mais recatados ou poucos divulgados. Os grupos de Folguedo do Boi de Mamão, geralmente são organizados nas famílias, com a tradição trazida de seus antepassados se faz a brincadeira.

Figura 33 – Santa Catarina: onde são encontrados alguns folguedos



Fonte: Elaborado pela autora

A cidade de Joinville, a mais populosa do estado, é habitada por descendentes de imigrantes alemães, poloneses, italianos e noruegueses. Ao contrário das cidades habitadas por descendentes de açorianos, não cultivam o folguedo boi de mamão como tradição. No entanto, isso não impede que existam grupos com essa manifestação como, por exemplo, um grupo diferenciado, preocupado com as pessoas, principalmente crianças, portadoras de deficiência física, o “Boi de Mamão da Inclusão”, criado pelo arte-educador Valério de Mattos e sua família. Preocupados em não deixar o folguedo do Boi de Mamão morrer, também publicaram o livro “*Boi de Mamão, Boi de Inclusão*” em que encontramos personagens cadeirantes. O livro é de fácil leitura para as crianças e material didático para professores (Mattos, 2016).

Depois de conhecer toda esta trajetória deu-se início a construção do boi de mamão com o ensino fundamental II, inspirados nos trabalhos desenvolvidos pelo professor Sassá (Figura 34 e Figura 35). Retirada a ideia do Blog pra gente miúda⁵⁶ e da Bernunça (Anexo B), foram os dois elementos trabalhados. O aluno que quisesse construir o seu boi, deveria trazer o material necessário para essa atividade. Por ser

⁵⁶ Blog pra Gente Miúda. Disponível em: <https://www.pragentemiuda.org/2012/07/bumba-meu-boi-feito-com-reciclagem.html>. Acesso em 04 out. 2023.

uma escola inserida em uma região de baixa renda, optou-se por deixar livre para quem quisesse ou pudesse trazer o material. Muitos alunos trouxeram seu material e as tintas foram compartilhadas entre todos.

Figura 34 – Boi de Mamão com material reutilizado



Fonte: Acervo Pessoal⁵⁷

Figura 35 – Exposição de Boi de Mamão



Fonte: Acervo Pessoal⁵⁸

O sucesso foi tanto que a Fundação Municipal Albano Schmidt (FUNDAMAS)

⁵⁷ Boi de Mamão criado com material de reaproveitamento Escola Municipal Hilda Anna Krisch – Joinville – 2010.

⁵⁸ Exposição de Boi de Mamão e Boitatá na Escola Municipal Hilda Anna Krisch – Joinville – 2010.

de Joinville nos convidou para realizar uma exposição dos trabalhos (Figura 36).

Figura 36 – Exposição FUNDAMAS



Fonte: Acervo Pessoal⁵⁹

Para a construção da Bernunça utilizamos materiais de reaproveitamento. O envolvimento de cada aluno contava: todos estavam animados para terminar a Bernunça e sair com ela desfilando pela escola. O sucesso foi tão bom que resultou em, junto com escola, desfilarem no 7 de setembro daquele ano (2010) (Figura 37). O convite veio da direção da escola Hilda Anna Krisch e a Secretária da Educação do Município, pudemos com isso apresentar um pedacinho de nosso trabalho para a comunidade local.

⁵⁹ Exposição na FUNDAMAS de Joinville com os elementos criados na Escola Municipal Hilda Anna Krisch – Joinville – 2010

Figura 37 – Bernunça



Fonte: Acervo pessoal⁶⁰

A partir desse momento, o Folgado do Boi de Mamão começou a fazer parte de minha vida acadêmica, um instrumento que encontrei para falar sobre a cultura do Estado. E assim, por onde andei deixei um pouco da história que me foi contada.

Quando ingressei no Instituto Federal Catarinense (IFC), ano de 2014, na disciplina de artes, *campus* São Francisco do Sul, não foi diferente. A cultura do nosso estado estava presente nas aulas, agora com o Ensino Médio, no Curso Integrado de Guia de Turismo, 3º ano. Temos o projeto “Boi de Mamão do IFC”. Aqui o aluno descobre a história, algumas culturas e tradições através de pesquisas, viagens e construção de atividades que envolvam esse tema.

Iniciamos estudando o folclore e a cultura do estado, como: alimentação, folguedos, festas, trajes, músicas, cantos, histórias. Depois estudamos nosso bairro, qual sua história. Estamos localizados no bairro de Iperoba que, assim como toda a cidade tem muitas lendas e histórias a serem contadas que são as mais diversas. Temos lendas de lugares, de tesouros enterrados, de seres sobrenaturais, de assombração. Em equipes vamos a campo fazer pesquisa, geralmente com as pessoas mais velhas, que tenham mais experiências e sejam da comunidade. Realizamos um levantamento do que foi coletado e damos início ao trabalho em equipe convidando vários professores que lecionam na turma.

⁶⁰ Bernunça criada com materiais de reaproveitamento, em desfile 07 set. 2010 pela Escola Municipal Hilda Anna Krisch.

Várias disciplinas podem interagir com o projeto, pois ele é interdisciplinar e aberto a todos, assim podem articular conhecimentos advindos de todas as áreas como: espanhol, inglês, matemática, biologia, e tantas outras. Muitas vezes, encontramos barreiras dos próprios alunos em ter como objeto de estudo e de projeto de ensino o folguedo boi de mamão, por considerá-lo algo longe de sua vivência e, portanto, desnecessário e sem sentido. Diante dessa objeção, sempre procurei deixar o caminho aberto para que pudessem opinar e sugerir qualquer outro objeto de estudo. No entanto, ao iniciar os trabalhos, o interesse aumenta, gera motivação em continuar pesquisando e tem como desfecho a alegria em apresentar os resultados para a sociedade.

O primeiro contato vivo com o Boi de Mamão e sua história começa na cidade de Florianópolis, no Casarão Engenho dos Andrades (Figura 38), bairro Santo Antônio de Lisboa. Lá fomos recepcionados pelo Sr. Cláudio Andrade, que faz um lindo passeio literário pelos caminhos da cultura catarinense, nos presenteia com histórias da Ilha de Florianópolis e depois de nos apresentar o Folgado do Boi de Mamão nos deliciamos com um café típico da região.

Figura 38 – Casarão Engenho dos Andrades



Fonte: Acervo pessoal⁶¹

Na Figura 39, os alunos estão vivenciando e aprendendo como é o Folgado do Boi de Mamão na prática. Na Figura 40 os alunos conhecem o cavalinho, elemento responsável por tirar o boi de cena e na Figura 41, os alunos participam de uma contação de história com as lendas de bruxas que habitavam a Ilha de Florianópolis, criados pelo professor Franklin Cascaes.

⁶¹ Disponível em: https://www.facebook.com/engenhoandrade/?locale=pt_BR. Acesso em 07 set. 2023.

Figura 39 – Aprendendo a brincar o Boi de Mamão



Fonte: Acervo pessoal⁶²

Figura 40 – Aprendendo Brincar o Boi com o cavalinho



Fonte: Acervo pessoal⁶³

⁶² Alunos do Curso de Guia de Turismo do IFC, aprendendo como brincar o Folgado do Boi de Mamão no Espaço Cultural dos Andrades – Florianópolis.

⁶³ Alunos do Curso de Guia de Turismo do IFC, aprendendo como brincar o Folgado do Boi de Mamão no Espaço Cultural dos Andrades – Florianópolis.

Figura 41 – Momento de histórias



Fonte: Acervo pessoal⁶⁴

No retorno para o Campus, em São Francisco do Sul, é hora de pôr em prática e divulgar o que foi aprendido através de projeto de extensão, levando e recebendo em nosso espaço escolas e asilos da região para compartilhar momentos de aprendizagem e diversão.

Os alunos criaram em sala de aula camisetas (Figura 42) utilizando tecidos, fitas e outros elementos para personalizarem seus uniformes de apresentação de boi. Esta “logomarca” foi desenvolvida pelos próprios alunos que, através de moldes, utilizando a costura da cultura local, os bois não eram colados e sim costurados com ponto caseado. Cada aluno criou o seu boi, havia sim algumas normas a serem seguidas: cor do tecido do boi, e cor do rosto do boi, esses eram definidos por todos e todos deveriam seguir o padrão.

⁶⁴ Momento de conhecer as lendas das bruxas do folclorista Franklin Cascaes no Espaço Cultural dos Andrade – Florianópolis.

Figura 42 – Camiseta customizada feita pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal

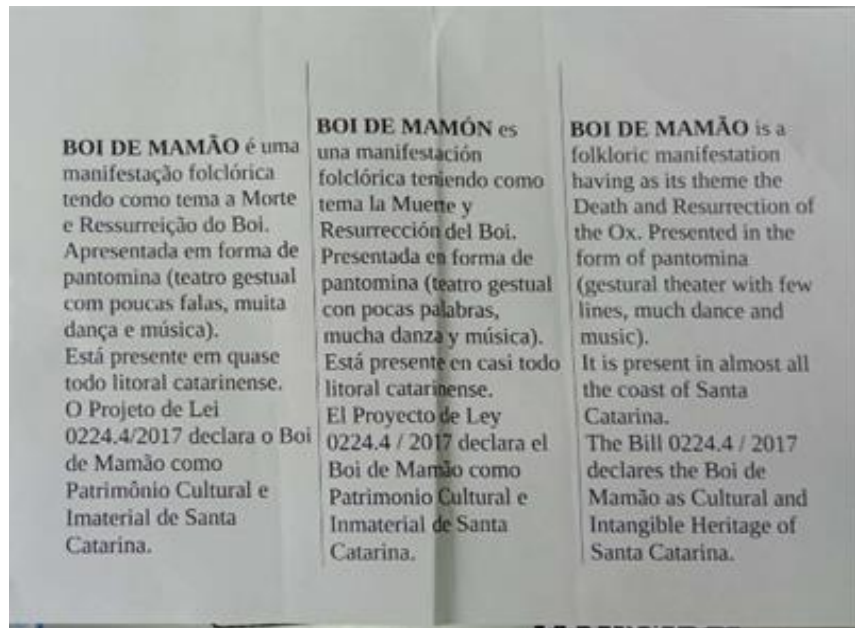
A partir da construção da nossa “logomarca” as atividades envolveram outras ações como a criação de fôlderes (Figura 43 e Figura 44) para serem entregues onde o boi estivesse presente. Preocupados com o turismo, já que eram do curso de Guia de Turismo, tiveram o cuidado de utilizar outras linguagens como espanhol e inglês. Na parte externa dos fôlderes, o nome das disciplinas envolvidas e seus professores, o nome do projeto e fotos sobre ele. Na parte interna uma breve descrição sobre o Folgado do Boi de Mamão nas três linguagens: português, inglês e espanhol.

Figura 43 – Frente do Fôlder



Fonte: Acervo pessoal

Figura 44 – Verso do Fôlder



Fonte: Acervo pessoal

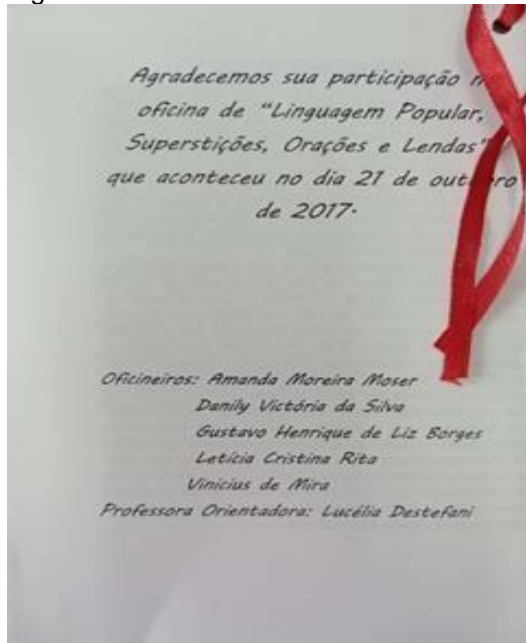
Este projeto envolveu oficinas (Figura 45 e Figura 46) aplicadas no IFC, para alunos de outros cursos e turmas. Tivemos oficinas de parlendas; comidas típicas; Lendas e linguagem popular de São Francisco do Sul, em formato de cartilha; criação de elementos do boi como a Maricota (Figura 47) e quebra-cabeça da Bernunça.

Figura 45 – Atividade da oficina de Lendas populares



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 46 – Atividade da oficina



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 47 – Maricota construída com papel



Fonte: Acervo Pessoal

Na oficina de lendas e linguagens houve a leitura da lenda do cabecinha: o terror da Ilha; O Lenhador Fantasma da Ilha Redonda; linguagem popular com algumas palavras usadas e seu significado. Exemplo: Riba: a parte mais alta, em cima; Tá com a macaca: Quando uma pessoa está brava; caça palavras com as palavras de linguagem popular.

Na oficina de elementos do boi houve a construção da Maricota com sua história, cada participante recortava as peças e montava sua boneca utilizando a imaginação para a cor de roupa e cabelo.

Já vivenciando o Folgado do Boi de Mamão e a empolgação para sair a campo e mostrar seus trabalhos, surge uma pergunta entre eles: O que e como vamos falar na hora de uma apresentação? Essa era uma pergunta constante em sala de aula. Então vamos construir nossa fala para a apresentação.

Depois de estudar e conhecer a região do Iperoba, bairro onde está instalado o Campus do IFC de São Francisco do Sul, começaram a desenvolver a fala e para nos ajudar tivemos o auxílio do livro *Retalhos do Iperoba* de Oliveira (2009), no qual encontramos histórias do bairro que nos ajudaram, foi uma inspiração.

As músicas foram escolhidas e retiradas de apresentações de folgado assistidas pelo Youtube, dessa forma, depois de selecionadas, foram utilizadas para nossas apresentações.

Assim ficou nossa história

A apresentação do Boi de Mamão inicia com a música a baixo:

<p>Vamos moreninha Vamos até lá Vamos lá na Vila Pra ver meu boi dançar</p> <p>Eu caio, eu caio Na boca da noite Sereno eu caio (2X)</p> <p>A folha do limão verde Tem cheiro de limão Morena me dá um beijo Que te dou meu coração</p> <p>Eu caio, eu caio Na boca da noite Sereno eu caio (2X)</p>
--

Aparece o boi, que dança e rodopia alegremente. No meio da apresentação surge a **bruxa** (Figura 48) com sua vassoura, que deixa o boi embruxado, amaldiçoando o coitado. Dá uma boa gargalhada e vai embora.

Música da bruxa ao fundo

Olha a bruxa vem chegando (gargalhada de bruxa)
 Num pé de vento sul
 Trazendo malvadeza
 E fazendo estrepolia

Figura 48 – Bruxa do IFC



Fonte: Acervo Pessoal

A Música pára. O boi cai no chão embruxado (Figura 49).
 Matheus entra em cena:

Nosso boi morreu
 O que será de mim.
 Manda buscar outro, maninha
 (letra música boi que morre)

Figura 49 – Boi morre



Fonte: Acervo pessoal

A história continua quando entra Matheus em cena:

Matheus: Mas o que que aconteceu com o boi seu chico? Eu ofereço ele pra você atrair o povo e você mata ele? O boi nem era meu, era do vizinho!!!!

Seu Chico: Capaz que não era seu Matheus????

Mas. ele não morreu ó “Tá respirando” (cutuca o boi mexe e faz expressão de felicidade)

Seu Chico: É, talvez ele esteja morto. Agora é caixão pro Bile (faz sinal da cruz)

Matheus: Capaz que tá né? É óbvio seu Chico, tu não tais vendo?

Seu Chico: Ah pronto, agora a culpa é só minha e você não me ajuda cuma solução

Matheus: Ta, calma. A gente não é médico de bicho, será que tem algum médico por aqui? (olha pra plateia, interage com ela)

Infiltrado na plateia: Olha, eu conheço um aqui, tu vai reto, segue toda vida, quando achar que acabou tu continua indo, aí tu vai ver uma árvore, grande e com flor roxa, nela tu cambia às direita e vai chegar no consultório do seu Gervaldo.

Matheus: Mas mulher a gente não tem tempo, não dá pra ir la nos cafundó. Foi lá que Judas perdeu as meias, a bota já tinha perdido faz tempo... e se tem alguma chance desse boi estar vivo, ele não aguentaria chegar até lá.

Seu Chico: Gente do céu! Tem algum médico mais perto? Urgente!!! (desesperado)
O/A doutor/a aparece correndo. (Figura 50)

Figura 50 – Dra. e o Boi



Fonte: Acervo Pessoal

Dra. Gente, gente, me ligaram e vim correndo, o que aconteceu?

Matheus: O boi Dra., nosso boizinho! O boi tá morto? O tanso do Francisco usou ele pra se exibir e ficou de bobiça.

Dra. Meu senhor!! Vou dar uma olhada, mas bicho não é minha especialidade não, não sei

se posso ajudar em alguma coisa.

A doutora examina o boi. Vê a orelha, o rabo e ele solta um pum. O diagnóstico é de que ele está vivo!

Dra. Eita! Morto o bichinho não tá não. Mas é capaz de estar embruxado. Sugiro que “seis” falem com uma benzedeira.

Seu Chico: Minha mulher benze tudo as crianças da vila, vou chamar ela! Seu Chico sai berrando

Seu Chico: MARIAAAAAAAAAAAAAA
Maria aparece limpando a mão no avental (Figura 51)

Figura 51 – Maria e o Boi



Fonte: Acervo pessoal

Maria: o que foi, meu velho? O que aconteceu?

Seu Chico: Fiz cagada com o boi do Matheus que na verdade era do vizinho dele e a Dra. Disse que ele tá embruxado (fala rápido e atrapalhado, como se estivesse preocupado) (figura 52)

Maria: Opa. Pera, calma aí! O boi não era do Matheus? Tu estragou o boi que nem era do teu amigo?

Seu Chico: Maria eu preciso que tu benza o bicho, me ajude mulher! (desesperado)

Maria: capaz memo que o bicho tá embruxado? Vamo lá então!! E os dois vão até o Matheus
Maria faz reza com alecrim (Figura 52)

Figura 52 – Maria benzendo o boi



Fonte: Acervo pessoal.

Maria: Benzo esse boi com um ramo de alecrim, se ele morrer dá uma janta pra mim, os bofes pro Onofre, o rabo pro Thiago, a cabeça pra Vanessa. Amém!!

Matheus: Morrer? Comer meu boi? que nem é meu? Nada disso!!! (gritando bravo com a benzedeira) benze ele direitinho, deixa de ser besta! Mas olhoolhoolho!!!

Maria: Tá certo, Matheus, tá certo! Vou benzer ele direitinho, mas sozinha não consigo! Mentalizem comigo (fala pro Matheus, depois olha pra plateia e pede para todos repitam a reza com ela)

Maria: te benzo e te curo, só morrerás no futuro, cruz credo bruxa sai, por cima do telhado por baixo do silvado. Por todos os santos e santas. Amém. (Figura 53 e Figura 54).

Figura 53 – Reza da Bruxa 1



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 54 – Reza da Bruxa 2



Fonte: Acervo Pessoal

O boi começa a se mexer e levanta para dançar junto com o Matheus, Maria e Seu Chico (Figura 55)

Te levanta boi Malhado
Te levanta devagar
Vem cá meu boi, vem cá

Olha a volta que ele deu
Olha a volta que ele dá
Vem cá meu boi, vem cá

Te apresenta seu Matheus
Bota esse boi no chão
Vem cá meu boi, vem cá

Te levanta devagar
Que é pra não escorregar
Vem cá meu boi, vem cá

Esse boi é de mamão
Faz a tua obrigação
Vem cá meu boi, vem cá

O meu boi é de mamão
Da cabeça até o chão
Vem cá meu boi, vem cá

Esse boi é de folia
Da galhada na guria
Vem cá meu boi, vem cá

Figura 55 – O boi ressuscita e sai dançando



Fonte: Acervo pessoal

Entra o cavalinho que tem a função de laçar o boi e leva ele embora da apresentação (Figura 56)

Figura 56 – Cavalinho levando o boi depois de laçado



Fonte: Acervo pessoal

O meu cavalinho
Ele já chegou
E o dono da casa
Já cumprimentou

E o dono da casa
Já cumprimentou

Lê, lê, lê, lê... Olará

O meu cavalinho
 Cavalo de raça
 Bota o boi no laço
 E leva ele da praça

Bota o boi no laço
 E leva ele da praça

Le, lê, lê, lê... Olará

Lá vai, lá vai
 Lá vai, deixa-lo ir
 Se tiver amor
 Ele vai e torna a vir
 Lê, lê, lê, lê... Olará

Entra a cabra, dança alegre o publico com seus pulos e vai embora (Figura 57)

Figura 57 – Cabra que brinca



Fonte: Acervo pessoal

(estribilho)

Eh, cabra!

Eh, cabra!

E dá um pulo e dá um berro
 (estribilho)

E elerê e olará
 (estribilho)

Quero ver ela dançar
 (estribilho)

Eh, cabra! Eh, cabra! Eh, cabra! Eh, cabra!

Lê, lê, lê, lê... Olará

A Bernuça entra com todo seu corpo comprido e a garotada fica eufórica para ser engolida por esse bicho que engole gente. Devora alguém e vai embora (Figura 58)

Figura 58 – Bernuça



Fonte: Acervo Pessoal

Estava deitado na cama
Quando ouvi falar em guerra
Quando acaba era a bernunça
Que vinha descendo a serra

Olê, olê, olê, olá
Arreda do caminho
Que a bernunça quer passar
2x

A bernunça é bicho brabo
Que engoliu Mané João
Come pão, come bolacha

Come tudo que lhe dão
Olê, olê, olê, olá
Arreda do caminho

Que a bernunça quer passar
2x

Entra a Maricota, uma figura que tem os braços compridos, que dança e rodopia com a intenção de tocar as pessoas que estão ali assistindo a a apresentação (Figura 59).

Figura 59 – Maricota entra para dançar no salão,



Fonte: Acervo pessoal

Fizemos um bale bonito
Fizemos um baile de cota
Está chegando a hora
De dançar a Maricota

Dona Maricota Nariz de pimentão
Deixou cair as calças
No meio do salão
A dona Maricota, ela é moça bonita

Ela é tão cumprida que parece pau de fita
Lê, lê, lê, lê... olará

Ao final entram todos os personagens. Se apresentam em forma de despedida e saem aplaudidos pelo público (Figura 60).

Figura 60 – Todos entram no salão



Fonte: Acervo pessoal

Os personagens do Folgado do Boi de Mamão utilizados nas apresentações do IFC, foram emprestados de outros grupos de boi de mamão, inclusive de Jaraguá do Sul. A partir do ano de 2023, estão sendo construídos os elementos do Boi de Mamão do IFC.

Nesta interpretação e construção de texto podemos encontrar elementos de linguagem utilizados por pessoas que trazem o traço açoriano, palavras como: **caixão pro Bile**, expressão regionalista, para dizer que algo que não deu certo, sem solução; a palavra **capaz**, gíria com o significado de desconfiança ou até ironia; **embruxado**, está enfeitiçado. Essas expressões tem uma influência maior nas regiões litorâneas do estado de Santa Catarina. A expressão: “te benzo e te curo, só morrerás no futuro, cruz credo bruxa sai, por cima do telhado por baixo do silvado. Por todos os santos e santas. Amém”, que a Maria traz no texto é retirado de uma das rezas que Franklin Cascaes apresenta para espantar bruxas. A respeito de bruxas, Witowicz (2008, p. 7) comenta:

Mas, você sabe... Ninguém acredita em bruxas, mas que existem, toda gente tem absoluta certeza. Por isso, antes de falar nas bruxas, melhor é fazer uma oração de espanta-bruxedo para se proteger, pois, falar de bruxa atrai a bruxa para si. “Treze raio tem o sóli Treze raio tem a lua Sarta Diabo pro inferno Que esta alma não é tua. Tosca marosca Rabo de rosca Vassoura na tua mão Relho na tua bunda E argulhão nos teus pés **Por riba do silvado E por debaixo do telhado** São Pedro, São Paulo, São Fontista, Por riba da casa São João Batista Bruxa tatara-bruxa Tu não me entre nesta casa Nem nesta comarca toda Por todos os santos dos santos Amém.” (Grifo do autor).

Nesta entrevista com Peninha, Witowicz (2008) transcreve a reza utilizada para espantar as bruxas e foi esta reza que os alunos se inspiraram para fazer o benzimento do boi, utilizando o conhecimento dos escritos de folcloristas e estudiosos

da cultura açoriana do nosso estado.

O projeto desenvolvido pelos alunos contou com apresentações em diversos locais como: Escolas, Feira do Livro de São Francisco do Sul, na praça da praia da Enseada. As músicas utilizadas pelos alunos foram músicas tiradas de outros grupos de boi de mamão.

Como já mencionado, o projeto, ao ser apresentado à turma, encontrou resistência, mas, com o passar das etapas e criações, alguns alunos tiveram aceitação significativa de carinho pelo folgado. Hoje, encontramos alunos que participaram do projeto e relatam a saudade e o carinho pelo projeto do Boi de Mamão. Uma aluna adquiriu o berloque do boi de mamão (Figuras 61 e 63) para ter em sua pulseira, para não mais esquecer da importância deste projeto em sua vida.

Encerramos esta seção com algumas fotos referentes as apresentações e o envolvimento dos alunos com o projeto (Figuras 61 a 67).⁶⁵

Figura 61 – Pulseira com berloque



Fonte: Acervo pessoal

⁶⁵ As fotos utilizadas neste trabalho são do arquivo pessoal de Lucélia Destefani, professora do IFC – Campus São Francisco do Sul – SC.

Figura 62 – Terceira idade e o Boi do IFC



Fonte: Acervo Pessoal⁶⁶

Figura 63 – Berloque comprado



Fonte: Loja de vendas on line⁶⁷

Figura 64 – Integrantes do Boi de Mamão IFC



Fonte: Acervo Pessoal⁶⁸

⁶⁶ Na companhia do grupo da Associação Comunitária Cristã São Paulo Apóstolo lar de idosos – São Francisco do Sul – SC – no IFC.

⁶⁷ Disponível em: https://shopee.com.br/Berloque-Boi-Bumb%C3%A1-Bd_2048-i.674448054.19212098676?sp_atk=799f_266f-c126-47fe-87af-78916feb1cc2&xptdk=799f266f-c126-47fe-87af-78916feb1cc2 Acesso em: 13 out. 2013.

⁶⁸ Alunos que participaram do projeto em 2018 – Feira de Pesquisa e Extensão do IFC – 2018.

Figura 65 – Apresentação na Feira do Livro – São Francisco do Sul – 2018



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 66 – Boi de Inclusão 1



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 67 – Boi de Inclusão 2



Fonte: Acervo Pessoal

Diante do exposto, entendemos que ter projetos na escola é indispensável para o bom desenvolvimento do aluno. Isso contribui para que haja mais proximidade entre o aluno, professor, instituição e aquece a relação com a família e a comunidade.

O envolvimento de outros profissionais da educação expande conhecimentos e integra saberes aplicados de maneira que a interdisciplinaridade venha a contribuir como processo articulador entre ensino e aprendizagem.

A inquietação em proporcionar maior autonomia aos alunos é fundamental para que eles, através do processo de desenvolvimento pessoal, despertem para as demandas do mundo atual.

Aumentar a autoestima e o senso de pertencimento de forma integrada por meio das ações desenvolvidas dentro da escola contribui para que o aluno vivencie um ambiente acolhedor que proporciona experiências diferenciadas em sua vida acadêmica.

E foi no desenvolvimento desses projetos que pude observar os resultados obtidos. Foram gratificantes para minha caminhada como educadora ao perceber o quanto é importante para os alunos ter o contato com a sua cultura, o seu passado, conhecendo e se descobrindo como família. Sou grata por ter tido essa oportunidade.

6 PERCURSO EM FINALIZAÇÃO...

Esta pesquisa se propôs a trazer reflexões sobre a difusão e a salvaguarda do Folgado do Boi de Mamão na cidade de São Francisco do Sul como Patrimônio Imaterial. Ratificou-se o pressuposto de que o envolvimento da comunidade se faz necessário para que o folgado tenha sua própria identificação e preservação como elemento significativo do patrimônio imaterial, mas se faz necessário o incentivo para a participação da comunidade nesse processo de salvaguarda. Com o reconhecimento deste bem como Patrimônio Imaterial, a preservação da memória coletiva e o comportamento do grupo social, acredita-se que seja possível agregar a valorização do bem e, por consequência, a garantia de sua preservação.

A investigação na cidade de São Francisco do Sul sobre o Folgado do Boi de Mamão, é o início de um processo, ou seja, pressupõe a sua continuidade. Fez-se necessário realizar um levantamento *in loco* na cidade sobre o folgado. Este mapeamento foi fundamental para identificar onde estão os bois de mamão na cidade e como eles estão.

A partir dos dados coletados e registrados objetiva-se criar um banco de dados *online* com vistas ao compartilhamento da pesquisa com o intuito de facilitar o acesso ao público, fortalecer, assegurar e garantir esse patrimônio imaterial.

Iniciamos fazendo um breve histórico sobre Patrimônio Imaterial. É necessário se ter esse entendimento para que o nosso objetivo seja atingido de forma sustentada por leis governamentais e estudos realizados com base em salvaguardar um bem. O Decreto nº 3.551/2000 (IPHAN, 2000), institui o registro de bens culturais de natureza imaterial, estabelece normas para o patrimônio cultural brasileiro através do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial garantindo a proteção destes bens culturais intangíveis relacionados a identidade e ao comportamento de grupos sociais.

É necessário discutir a respeito da salvaguarda de um bem cultural, valorizar o patrimônio histórico cultural de um povo dar o seu devido valor de identidade dos grupos sociais, de forma a contribuir para que esses grupos se sintam parte de uma cultura, uma sociedade.

Registrar os bens culturais é dar identidade, é proteger as expressões culturais e as tradições de um grupo social que preserva sua ancestralidade para as gerações futuras. Essas expressões são os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, as celebrações, as festas, lendas e tantas outras. Para garantir sua

preservação é necessário realizar o registro nos Livros de Registro que oferece a guarda dessas manifestações através do reconhecimento da existência e o valor da cultura de um grupo ou comunidade social.

No litoral catarinense o Folguedo de Boi de Mamão é uma manifestação folclórica presente em muitas cidades. Tem como característica a figura de um Boi como tema central. É considerado um auto popular, conforme Pereira (2010), uma pantomima, que é a arte de representar sentimentos por meio de gestos, não precisa de palavras. O Folguedo do Boi de Mamão, como é uma manifestação folclórica, possui elementos que criam a história cantada, aparecem nas apresentações de forma a identificar onde está localizado, e a particularidade de cada grupo.

Na cidade de São Francisco do Sul, a pesquisa realizada foi de grande impacto, pois como não encontramos registro feitos em livros acadêmicos, foi necessário realizar um garimpo minucioso a sites de órgãos públicos como prefeituras, secretarias de cultura e IPHAN. Encontrar histórias e documentos dos Grupos de Boi de Mamão na cidade de São Francisco foi um desafio.

Além dos percaussos institucionais, também podemos elencar as dificuldades enfrentadas pelo próprio folguedo na tentativa de se manter vivo e atuante como, por exemplo: encontrar pessoas que queiram participar de folguedos ou qualquer outra manifestação do folclore, como é o caso do Boi de Mamão. Diante deste cenário, torna-se importante difundir a ideia de aplicação de projetos em escolas e Centro de Educação Infantil; formar sucessores, ou seja, envolver os jovens nesse processo como forma de garantir a continuidade dos elementos do grupo; adquirir subsídios financeiros para manter o grupo existente, contanto com menos exigências burocráticas para esse fim.

Depois deste estudo sobre o assunto abordado, ainda permanecem algumas perguntas sobre a importância e as dificuldades encontradas pelos grupos de Boi de Mamão em salvaguardar esse patrimônio, principalmente no que se refere à ideia de ser necessário somente patrimonializar para salvaguardar o que, sem o envolvimento da comunidade, acredito não resolver a questão. A escola é um grande aliado no trabalho de reavivamento das manifestações culturais, com processos pedagógico e cultural.

A dedicação em divulgar este Folguedo permanece no meu dia a dia. Acredito que conhecer as raízes culturais do lugar onde se vive é afirmar sua própria identidade e desenvolver a ideia de pertencimento a uma região, preservando a memória afetiva

desse grupo social.

O primeiro passo para a salvaguarda do Boi de Mamão em São Francisco do Sul foi dado...

REFERÊNCIAS

ALVES, Joi Cletison. Colóquio NEA, 30 anos de história. Preservando a herança cultural açoriana em Santa Catarina. UFSC. Florianópolis, 2016

BARROS, Ewerton W. S. **Palco de Encontros: o I Congresso Brasileiro de Folclore (1951)**, UFPE. Livros e Resenhas, v.10, n.2, dez 2021

BATISTA, Monique Mendes. **Brasilidade e Modernidade: folclore e sensibilidade romântica em Mário de Andrade (1920-1945)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca 2016.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, 30 nov. 1937

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro - IPHAN. **O Avanço na definição do Patrimônio Cultural Brasileiro na Constituição Federal de 1988**. Artigos 215 e 216. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Acesso em 24 jul. 2023.

BURINI, Érica B. **Imagens da Tauromaquia: as gravuras de Goya no MASP**. UNICAMP. SP, 2019

CARANDINI, A. **Archeologia e Cultura Materiale. Dai 'lavori senza gloria' nell'antichità a una politica dei beni culturali**. Bari: De Donato. 1979

CARUSO, Raimundo C.; CARUSO, Mariléia M. L. **Vida e cultura açoriana em Santa Catarina**. Florianópolis, 1997

CASCAES, Franklin. **O fantástico na ilha de Santa Catarina**. 1º ed., 2ª reimpressão. Florianópolis: ed. UFSC, 2015

CASCUDO, Luís da Câmara. **Etnografia & Folclore: Organização duma Sociedade de Folclore**. Diário de Notícias: Rio de Janeiro, 05 de abril de 1942. HDBN.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Da cultura popular**. Revista Brasileira de Folclore, vol. 1, n. 1, 1961, pp. 5-16

CASCUDO, Luis as Câmara. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Editora Fundação José Augusto. Natal, RN. 1976

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 1 ed. São Paulo: Global, 2012

CASTRO, Noeli da S. **Criatividade a favor da interação**. Santana do Livramento, RS: Universidade Cândido Mendes, 2010. 72p.

CAVALCANTI, Maria L. V. de C. **Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 19, n. 54. 2004

CICERO, Antonio. **Guardar: poemas escolhidos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

COLLAÇO, Regina M.; OROFINO, Maria I.; MAKOWIECKY, Sandra (orgs.). **2º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina, 2021: O universo fantástico de Meyer Filho – Florianópolis: UDESC, 2022**

COSTA, Flávio Moreira da. **Os Grandes Contos Populares do Mundo**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Ediouro, 2005.

FARIAS, Vilson Francisco. **De Portugal ao Sul do Brasil 500 anos: História, Cultura e Turismo**. Florianópolis. Ed. UFSC. 2001

FEIJÓ, Ivan Luiz Chaves. **Tauromaquia e identidade: significados sociais e políticos do toureio a pé na Espanha do século XVIII**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2019.

FERRARI, Dener G.; FOSCHIERA, Renan C. V. **As origens da Cuca de Monteiro Lobato: uma aproximação entre Egito, Portugal e Brasil**. UFPR. Curitiba. 2018

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.14, n. 33, e0201, jan./abr. 2022

FLORIANÓPOLIS. **Decreto nº 20629, de 26 de agosto de 2019**. DECLARA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL CULTURAL OU INTANGÍVEL DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS A MANIFESTAÇÃO CULTURAL "FOLGUEDO FOLCLÓRICO DO BOI-DE-MAMÃO / DANÇAS DO BOI". Florianópolis , 26 ago. 2019.

FLORIANÓPOLIS. Fundação Municipal Franklin Cascaes. Portal da Cultura. **Patrimônio Cultural Imaterial: Boi de Mamão**. 15 jul. 2021. Disponível em: <https://www.fundacaofranklincascaes.com.br/boi-de-mamao> Acesso em: 8 jul. 2023.

FUNARTE. Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC. Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/incentivo-e-apoio-a-arte/programa-nacional-de-apoio-a-cultura-pronac> 2022 Acesso: 05 nov. 2023

GIANNINI, Massimo S. **I beni culturali**. Rivista trimestrale di diritto pubblico, Anno LXV Fasc. 3 - 2015. Disponível em: <https://images.irpa.eu/wp-content/uploads/2011/10/MSG-RTDP.pdf> Acesso em: 8 jul. 2023.

GONÇALVES, Janice. Defender o patrimônio tradicional: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948 e 1958. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 4-25, julho-dezembro, 2012.

GORRESEN, Hilton. **São Chico velho de Guerra (memórias de um**

francisquence). Joinville. Nova editora. 2ª ed. 2009

IBGE. Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc.html>
Acesso 05 out. 2023

IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/panorama> Acesso em 15 out. 2023

IPHAN. Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento. Brasília: 2017. II. Série. Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha2salvaguada_bensculturaisregistrados_web.pdf Acesso em: 18 jul 2023

IPHAN. Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da América Latina (Crespial). Ata. Miradas a la gestión del PCI de América Latina: avances y perspectivas. Cusco, Peru, 2019. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Crespial%20-%20Ata%20em%20Portugu%C3%AAs%202009.pdf> Acesso em: 8 jul. 2023.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2019. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4999/brasil-integrara-comite-executivo-do-crespial> Acesso em: 4 jul. 2023.

IPHAN. **Decreto nº3.551 de 04 de agosto de 2000**. Brasília: 2000.

LACERDA, Eugênio Pascele. **Bom para brincar, bom para comer: A polêmica da Farra do Boi no Brasil**. Florianópolis. Editora da UFSC. 2003

LEAL, Claudia F.B. **As missões da UNESCO no Brasil**: Michel Parent. Rio de Janeiro, IPHAN 2008, Pesquisa e Documentação do IPHAN. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc3_MichelParent_m.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

LIMA, André Souza de.; FERRARI, Cibele Piva; GUEDES, Sandra Paschoal Leite Camargo. **Incentivo ao turismo por meio da identificação e mapeamento do Patrimônio Cultural do Distrito do Saí, São Francisco do Sul (SC)**. RESGATE – Revista Interdisciplinar Cultura, Campinas, v.23, n.30, p. 93-104, jul./dez/ 2015

LIMA, Rossini T. de. **Abecê do Folclore**. Martins Fontes. São Paulo. 7ª edição. 2003

LOZ, Anderson Cleber. “Vou Mudar essa História com o Meu Boi de Mamão”. A canção do Grupo Engenho como Fonte Histórica no Ensino de História. IV Seminário Internacional História do Tempo Presente. UDESC. Florianópolis, 2021

MATTOS, Valério. **Boi de mamão: Boi de inclusão**. Joinville. 2016

MEDEIROS, Fábio Baracuhy; PREVE, Ana Maria Hoepers. Tauromaquia, aventura e educação. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 23, n. 3, p. 885-898, set./dez. 2021.
<http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2021v23n3p885-898> Acesso em 30/10/2023

MENDES, Elias. **A Constelação de Touro**. 2010. Mega Astrologia -

<https://megastrologia.com/2020/10/a-constelacao-de-touro/> Acesso 25 out. 2023

MONTE, Catarina N. da C., PASSOS, João A., **O que são direitos culturais? Um olhar para o templo de Nossa Senhora do Rosário, no lugar sítio Frecheiras, localizado no município de Cocal-PI**, Revista Espia, Piauí, IFC, 12/2022.

Disponível em: <http://www.revistaespia.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

OLIVEIRA, Andrea. **Retalhos do Iperoba: estórias colhidas em um pé de araçá**. Edições Toda letra, 2009

OLIVEIRA, Andrea. **A Pa-Lavra: entre o Oral e o Escrito**. Gráfica Editora Nova Letra. Blumenau – SC. 2012

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 192p.

PELEGRINI, S.C.A. A gestão do patrimônio imaterial brasileiro na contemporaneidade. História, França, v.27, n. 2, p. 143-173, 2008.

PEREIRA, Eloi Egidio. O Boi de mamão: da manifestação popular às releituras. In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 5., Curitiba, 2006-2007. **Anais...** Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2007. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=33> Acesso em 28/11/2023.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Contributo Açoriano para a construção do Mosaico Cultural Catarinense**: Coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis. Papa-Livro. 2003

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão**: Folgado Folclórico da Ilha de Santa Catarina: Introdução ao seu estudo. Florianópolis. Associação Ecomuseu do Ribeirão da Ilha. 2010.

POZZOBON, Bruno Cezar. **Preservação do Patrimônio Cultural**: discutindo ações para o Centro Histórico e Paisagístico de São Francisco do Sul/SC, 2016. 195 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2016.

RABELLO, Sonia. **O Estado na preservação dos bens culturais**: o tombamento. Rio de Janeiro. IPHAN, 2009

RIO GRANDE DO SUL. Altera a **Lei nº 11.719, de 07 de janeiro de 2002, que instituiu oficialmente o rodeio crioulo como um dos componentes da cultura popular sul-riograndense**. Lei nº 12.567, de 13 de julho de 2006. Porto Alegre, 13 julho 2006.

RUSSO, José Manuel. **História da Arte Ocidental**: Um autor, uma obra. 2021 Acesso https://arterusso.net/assets/ens_harte/f20_neoclassico.pdf Acesso em 16 nov. 2023.

SALES, José das Candeias. **O touro na mitologia egípcia: Ápis, cerimônias, insignias e epíteto reais**. Universidade Aberta de CHUL, Lisboa, 2016.

SANTA CATARINA, Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Lei nº 17.565, de 6 de agosto de 2018. Consolida as Leis que dispõem sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina, nos termos da **Lei Complementar nº 589, de 18 de janeiro de 2013**. Florianópolis, SC, 6 de ago. 2018. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2018/17565_2018_lei.html Acesso em: 8 jul. 2023.

SANTIAGO, Djalma Guimarães. **A proteção do patrimônio arqueológico: motivações, critérios e diretrizes no tombamento de sítios arqueológicos pelo IPHAN**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2015

SOARES, Doralécio. **Folclore Catarinense**. 2ª. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

TAMASO, Izabela Maria; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

UNESCO. **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 2013

WOITOWICZ, Karina Janz. **Uma prosa com Peninha, no centenário do mestre Franklin Cascaes**. Revista UEPG, 2008.

ANEXO A – Histórico do Boi de Mamão da Praia Bonita-Vila Da Glória

Como criou-se o Boi de Mamão da Praia Bonita.

Existe a genética familiar que faz com que a gente memorize desde criança o que nossos avós, pai, mãe viviam, gostavam, faziam e participavam; como também meus tios, primos da mesma forma. Então isso está no sangue da família, por viver essas culturas, essas coisas, e por presenciar, a gente acaba também gostando porque sentimos aquela alfinetada, cada vez que se ouve alguém falar em determinados contos e folclores em nossas vidas. Por isso, o nosso folclore permanece vivo em nosso lugar, impetrado em toda família, pai, tios, primos, filhos, netos, bisnetos geneticamente. Participam também com a gente no folclore muitos amigos que vivem e amam o nosso folclore. Entendemos que são momentos culturais históricos e únicos herdados dos nossos ancestrais, e que permanecem ainda ativos com essa comunidade na mente e no corpo de cada participante. Quando menino lá com meus 7(sete) aninhos já acompanhava meu pai e tios saindo pela vizinhança com boi de Mamão, Terno de Reis, Santo Amaro, fandango chimarrita no lugar onde nasci e isso ficou gravado na minha mente e permanece até os dias de hoje.

Depois que vim morar no lugar onde nasci, Praia Bonita Vila da Glória já com meus 60 anos, veio todo aquele filme e o desejo como sonho de menino em criar, reativar, reviver aqueles momentos de folclores que aconteciam em meu lugar.

Bastou um simples convite aos parentes, imediatamente aderiram a ideia e assim se iniciou uma nova fase de reativação do nosso folclore Boi de Mamão na praia bonita. Imediatamente cada um com sua arte, seu jeito simples começamos a criar.

Nosso folclore hoje vem se apresentando em festividades da cidade, instituições educacionais, festas religiosas e em outros municípios.

Temos hoje 12 (doze) personagens entre os bichos, Boi, Cabrinha, Cavalo Marinho, urso, urubu, cachorro, Bernúncia, filhote de bernúncia, vovô e Maricota, vaqueiro, Doutor e benzedeira.

Temos um elenco de 22 pessoas entre crianças jovens e adultos, incluindo músicos e figurantes.

Nosso folclore hoje seus versos são cantados por todo elenco.

Letra e música próprias composta pelo compositor Sr. Clarel F. Lopes.

Já atuamos em nossa ilha de São Francisco do Sul, SC, por mais de 3 (três) anos.


"E VIVA O NOSSO FOLCLORE BOI DE MAMÃO DA PRAIA BONITA" (mensagem encaminhada por meio eletrônico WhatsApp, para minha pessoa).

ANEXO B – Construção de alguns elementos do Folguedo do Boi de Mamão

Aqui você encontra o passo a passo de como foi construído alguns dos elementos do Folguedo do Boi de Mamão utilizado com os alunos do Fundamental I e II da Escola Hilda Anna Krich e Instituto Federal Cararinense referente à seção 4 desta dissertação.

BOITATÁ

Aprenda a construir um boitatá com material reciclado







MATERIAL:

- 6 rolos papel higiênico
- EVA nas cores vermelho, branco e preto
- Tintas guache vermelho e amarelo
- Cordão (utilizamos o de algodão cru)
- Cola branca
- grampeador

MODO DE FAZER:

- Pinte 5 rolos de papel higiênico, metade vermelho e metade amarelo, utilizando o comprimento, deixar secar
- 1 rolinho de papel pinte com a cor vermelha
- Enquanto isso recorte os EVAs. O vermelho para a língua do boitatá, o branco e preto para o olho. Utilizando o fundo do tubo de cola no EVA branco recorte um círculo, divida ao meio e você terá 2 partes de olho. Com o EVA preto recorte o centro do olho
- Com os rolinhos já secos com 1 metro de cordão, grapeie o cordão nos rolinhos de forma que fique um atrás do outro, deixando um intervalo pequeno entre um rolinho e outro. O último rolinho amasse a ponta e grampeie. O rolinho vermelho utilize metade, amasse a ponta, cole a língua e grampeie. Cole o olho e está pronto seu boitatá.








CUCA

MATERIAL:

- 1 pote de sorvete
- EVA Branco, preto, vermelho e amarelo
- 1 garrafa pet 600 ml (de coca cola fica melhor)
- Tinta PVA verde
- Cola de artesanato ou cola quente

MODO DE FAZER:

- Primeiro Faça um furo na parte de cima do pote para encaixar a cabeça (garrafa pet) pinte o pote de sorvete e a garrafa pet com a tinta verde
- Recorte os olhos com EVA branco e preto e o nariz com EVA amarelo e círculos vermelhos para colar no corpo da cuca o rabo com EVA verde
- Depois de seco dobre a garra de forma que fique em formato de cabeça, com cola e recortes de EVA decore a cuca

BOI DE MAMÃO



MATERIAL:

- 1 pote de sorvete
- EVA coloridos
- 1 garrafa pet 600 ml (de coca cola fica melhor)
- Tinta PVA marron ou preto
- Cola de artesanato ou cola quente
- Fitas, rendas

MODO DE FAZER:

- Pinte a garrafa e o pote nas cores desejadas.
- Fure um buraco no pote para encaixar a garrafa.
- Dobre a garrafa pet e modele para formar a cabeça. Amarre para que fique firme.
- Encaixe a garrafa no buraco.
- Cole as orelhas, olhos, nariz e faça os enfeites finais



BERNUNÇA



MATERIAL:

- 1 caixa de papelão grande
- Tinta guache da cor que quiser
- 2 a 3 metros de TNT
- Fitolhos ou fitas
- Papel colorido
- Grampeador



MODO DE FAZER:

- Pinte a caixa e faça um corte no comprimento, até a metade.



- Com papel branco faça os dentes e cole em volta da boca
- Cole olhos bem grandes, pode fazer vermelho também
- Recorte flores coloridas para decorar a caixa
- Grampei TNT na parte que não está cortada
- Grampeie os fitilhos ao redor do TNT



- Na linha preta fica a boca, na linha laranja é grampeado o TNT

CAMISETA

MATERIAL:

- 1 camiseta branca
- Retalhos de tecidos de algodão (usamos uma chita)
- Agulha e linha de bordado
- Olhos para artesanato, nº 1
- Tecido marrom em algodão para o rostinho
- Fitas, rendas, florzinhas (usamos as de calcinha)

MODO DE FAZER:

- Recorte todos os tecidos, costure a cabeça no corpo, decore como desejar
- Depois de pronto com ponto caseado prenda o boi na camiseta



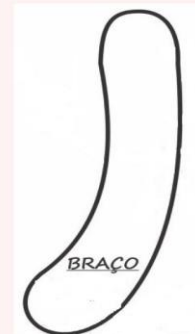
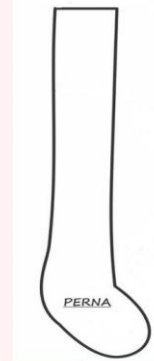
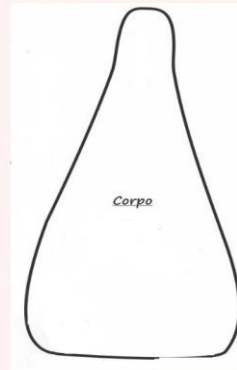
MARICOTA

MATERIAL:

- Papéis coloridos
- Fios de lã
- Lacinhas ou fitinhas
- Tesoura
- Cola

MODO DE FAZER:

- Recortar e colar os papéis, por último cole o cabelo e coloque um lacinho



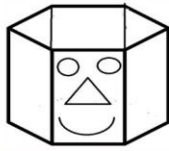
CABRINHA

MATERIAL:

- 1 caixa de papelão
- Tecido para o corpo da cabra (usamos uma chita)
- Tinta para pintar o corpo e a cabeça da cabra e outra cor para fazer os detalhes
- Cola quente para colar o tecido

MODO DE FAZER:

- Recorte o fundo da caixa
- Pinte a caixa com a tinta desejada e faça detalhes no corpo, pode ser pontos, manchas com uma cor diferente a que você pintou o corpo
- O papelão que sobrou do recorte que você fez, enrole, mas não de forma que fique redondo, deve ficar um sextavado, vai ajustando conforme precisa tomando o cuidado para não ficar desproporcional



- Na linha preta - Recorte
- Na linha azul, cole tecido com cola quente



- Cole a cabeça na frente e faça 2 chifres, esta pronta sua cabrinha
- O chifre pode ser feito com papel sulfite, como um cone